ANO 9.º LISBOA — SABADO, 30 DE NOVEMBRO DE 1929 N.º 2652

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 80 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 67, 2.º
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 49
TELEFONES { Direcção: T. 183 / Redacção: T. 183 e 184
Endereço telegrafico: DIBOA

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

EM harmonia com uma circular dimanada do ministro da Instrução, realizaram-se hoje, em quasi todas as escolas e outros estabelecimentos de ensino, prelecções sôbre o significado do 1.º de Dezembro, data gloriosa da Independencia de Portugal que, ámanhã, é solenemente comemorada.

No Conservatorio Nacional de Musica, o nosso querido director e professor sr. dr. Joaquim Manso falou aos alunos, explicando o significado historico do acontecimento em relação á epoca em que ele se deu e ao nosso tempo. Disse que o espirito da humanidade caminhará decididamente para um ideal de paz, só sendo justas as guerras que têm por missão defender a autonomia e a integridade territorial das nações.

* * *

O SR. Sebastião dos Santos, comerciante de Lisboa, teve o simpatico gesto de oferecer á Camara Municipal de Vila Nova de Oliveirinha, terra da sua naturalidade, a quantia de 10 contos para ser aplicada em melhoramentos locais.

Se todas as pessoas de dinheiro pensassem um pouco como este benemerito cidadão, muitos males se poderiam remediar e muitas iniciativas beneficentes poderiam desenvolver entre nós a sua acção filantropica.

* * *

OS jornais espanhois referem-se á proxima comemoração do 150.º aniversario da nossa Academia de Sciencias.

E' indiscutivelmente esta comemoração um acontecimento, não só de caracter cultural, como de aspecto social, pelo brilhantismo de que, certamente, se revestirá.

* * *

NA Escola Fonseca Benevides, realiza-se no proximo dia 4, pelas 15 e 30, a abertura duma exposição de cartazes anunciadores da Exposição dos Trabalhos das Escolas Tecnicas Elementares, que o sr. ministro da Instrucção resolveu levar a efeito no proximo mês de Janeiro.

* * *

DE futuro, não podem, pelos governadores civis e administradores, ser concedidas licenças para funcionarem clubes, sociedades de recreio, ou ser construidas e modificadas casas de espectaculo, sem que os requerentes apresentem certidão da Inspecção Geral dos Teatros.

* * *

FOI autorizada a Companhia de Caminhos de Ferro de Benguela a emitir obrigações, na importancia de um milhão de libras, para fazer face aos encargos da construção de 104 quilometros de linha ferrea, nos termos da convenção luso-belga de Julho de 1927.

* * *

FOI publicado hoje o novo regulamento da entrada de fôrças navais e aereas estrangeiras nos portos portugueses e da sua permanencia nas nossas aguas territoriais.

DIALOGOS BREVES

— Gostas de musica? Embalas-te com as suas tentações?

— A musica para mim tem expressões diferentes, conforme as horas, alegres ou tristes. Umas vezes ouço-a e distraio-me, mas em certos momentos ponho nela toda a magua ou toda a amargura que a vida me causa.

— Fazes como Camões, que jogava a vida num sonêto...

— Talqualmente, menos a arte sublime do Poeta.

— Então, fica sabendo que pertences tambem á categoria dos homens que um mestre alemão chama os «iluminados do cansaço».

— E' possivel, visto que os meus nervos me levam, despoticamente, por caminhos e atalhos.

— A musica é o teu guia, na selva dos desejos e das esperanças...

— Isso seria interessante! Mas acontece que não penso em me lançar em aventuras — romance, elegia ou pastoral. Quizera simplesmente repousar, á sombra fresca duma olaia, sem cavar os horizontes com cobiças ou ambições.

— E porque o não fazes?

— Não sei... Quero e não posso. A musica aparece-me, pois, não como a voz duma fôrça que triunfa, mas sim como o lento quebrar duma audacia ou como o bem estar resignado de quem vive contente por ter tudo o que lhe despraz e não desejar sequer o que lhe apraz.

■

— Leste o livro de Augusto de Castro — *O Amor e o Tempo?*

— Li e da sua leitura concluo que o ilustre escritor, á medida que viaja e enriquece a sua experiencia, compõe melhor as suas fabulas.

— A que chamas tu fabulas?

— A tudo o que os homens inventam para se darem a ilusão de que enganam a vida, fugindo para o sonho.

— Os fabulistas, porém, traduzem alegoricamente as vozes dos animais para nos legarem uma moralidade educadora.

— E que julgas tu que faz Augusto de Castro?

— Conta belas coisas, em páginas adoraveis.

— Acertaste, mas se reparares bem has-de achar, nas três novelas do seu livro, um ensinamento, uma lição que se resume assim — o amor, puro ou pecaminoso, borda na teia do tempo efemeras imagens que marcam o máximo e o minimo do nosso ser: uma ansia de ser feliz e o desespêro de perder a felicidade, logo que a possuímos.

■

— Sabes que D. Sebastião foi um dia á Batalha para admirar D. João II, fazendo abrir o seu caixão e pôr de pé o rei forte, saudando-o de espada em punho?

— O facto não me é estranho...

— Reputo isso uma coisa admiravel.

— Ha sempre pessoas dispostas a submeter-se a todos os gestos em que os herois da raça deixaram um grão de beleza e loucura.

— Mau, mau! Preferia que me dissesses claramente a tua opinião.

— Aqui a tens: acho que D. Sebastião só devia apresentar-se diante do tumulo do Principe Perfeito, se regressasse de Alcacer-Kibir vencedor. Não é com palavras e atitudes teatrais que os vivos falam aos mortos, mas com grandes acções — das que simbolisam a eternidade da Patria.

■

— Que pensas tu dos homens que mudam com frequencia de opinião e de crenças?

— Geralmente não penso nada, preferindo encaminhar os meus passos para rumos onde tenho a certeza de os não encontrar.

— Confessas assim que te são antipaticos...

— Talvez... Que te leva a interrogar-me sôbre um assunto que eu habitualmente afasto das minhas reflexões?

— E' que encontrei ha pouco um conhecido nosso que me declarou o seguinte: — Encontrei a Verdade! E explicou-me que, politicamente, depois de muito errar, chegara ao conhecimento duma receita infalivel para salvar o país.

— Acredita que essas descobertas só se fazem em obediencia á lei do menor esfôrço ou, como dizia Camilo, para desimpedir a estrada entre o apetite e o estomago.

— E's severo em demasia. Então os homens hão de ficar perpetuamente agarrados ás mesmas ideias?

— Admito e louvo o papel de persuasão, mas sómente quando as mudanças de convicções significam conquista de perfeição e diminuição de louvores. Estará neste caso o individuo a que te referiste?

— Creio que não. Em Coimbra, como te deves lembrar, rugia contra os tiranos e intitulava-se anarquista. Agora professa esta máxima — «as ilusões da mocidade hão-de frutificar na velhice».

— Não ponhas mais na carta! Vai para a terra santa com uma tenda de elixires — como certos judeus...

■

— Conheces o que Oliveira Martins chama a D. João IV, na sua *Historia de Portugal?* Acusa-o de dubio, fraco, egoista.

— E quem te diz a ti que não teve razão para isso?

— Apavora-me a ideia de que um povo possa ser governado por individuos com tais qualidades...

— Isso só prova que em Portugal são as virtudes anonimas que velam pela integridade da Patria. Fóra delas, começa o tráfico da pimenta.

GLAUCIAS

ESTA guerra entre a Russia sovietica e a China teve um unico aspecto bom: foi rapida. Meses de escaramuças e uma relativa grande batalha na Mandchuria liquidaram o acontecimento. A Russia abateu facilmente a China, convulsionada por lutas tão tremendas como bizarras, entre os seus partidos sempre desavindos.

Os filhos do Ceu agora aceitam tudo. Os russos talvez exijam mais do que de começo desejavam.

O caminho de ferro da Mandchuria, pômo da discordia, passará quasi exclusivamente aos vermelhos.

E — feita daqui a meses a paz oficial — cada um destes povos continuará a matar gente dentro das suas fronteiras.

* * *

O JURI que examinou o sr. coronel José Vicente de Freitas, para o posto imediato, reuniu hoje, tendo resolvido aprovar o antigo chefe do govêrno e ministro do Interior,

O sr. general Vicente de Freitas, terminada a reunião do juri e conhecida a sua decisão, dirigiu-se ao ministerio da Guerra, onde se apresentou, recebendo os cumprimentos do respectivo ministro, sr. coronel Hamilcar Pinto.

Em seguida, o novo general esteve na Camara Municipal, onde recebeu os cumprimentos de todos os vereadores e outros funcionarios.

* * *

O *DIARIO DE LISBOA* publicará na segunda feira uma desenvolvida reportagem do desafio de "foot-ball„ Portugal-Italia, que ámanhã se realiza em Milão.

Ao grande encontro internacional, que está despertando viva ansiedade nos meios desportivos, assiste um representante do nosso jornal, que nos enviará pelo telegrafo um relato minucioso das diversas fases do sensacional desafio, em que as nossas côres se vão encontrar com as do prestigioso "foot-bal„ italiano.

* * *

E' HOJE, ás 22 horas, que se realiza na Sociedade de Geografia, a reunião para se eleger a grande comissão do monumento ao dr. Antonio José de Almeida, iniciativa do nosso colega *Diario de Noticias.*

Devem usar da palavra os srs. Cunha Leal e Ramada Curto.

* * *

A DIRECÇÃO central da Liga dos Combatentes convidou os representantes da Imprensa para uma reunião, que se realiza no proximo dia 2 de Dezembro, pelas 22 horas, a fim de pôr os jornalistas ao corrente dos assuntos mais importantes que neste momento a preocupam.

* * *

NA Sociedade Portuguesa de Medicina, realisa hoje, ás 21 e 30, uma conferencia sôbre os aspectos agricolopecuarios da Romenia o sr. dr. Joaquim Barradas da Silva Fiadeiro, que em Junho ultimo foi representar o nosso país no IV Congresso Internacional de Agricultura realisado em Bucarest.

Radiotonia

Programas escolhidos

ESTA NOITE, além da emisão habitual de «CT 1 AA», os auditores poderão ouvir desde as 22,30 o concerto extraordinario organizado pela estação «CT 1 BO» (Lisboa, 28 m.), em que tomam parte os eminentes artistas Campos Coelho (piano), Paulo Manso (violino) e Fernando Costa (violoncelo). No programa figuram: uma «Pavana», de Fauré; «Columpios», de Turina, e «La Légende du Chateau Mauresque, de Chavarri (solos de piano); «Melodia», de Gluck, e uma «Valsa» de Brahmus (solos de violino; «Dolor», de Sebastian, e «Serenata espanhola», de Cassadó (solos de violoncelo); a «Elégie» e o «Final» do «trio» de Arensky.

«CT 1 AA» e «CT 1 BO» serão ouvidas na «II Exposição Nacional de T. S. F.» que hoje se inaugurou na Sociedade de Belas Artes e sôbre a qual o «Diario de Lisboa» publica na segunda-feira um numero especial, de doze paginas.

As mais notaveis emissões estrangeiras para esta noite são: a de Kœnigs Wusterhausen (1.635 m.), que dá ás 19 h., um concerto do quarteto de cordas de Budapest, com obras de Haydn, Beethoven, etc.

A de Radio-Toulouse, (381 m.), que dá ás 20,15 uma selecção de operetas digna de ser ouvida por todos os amadores, pois nela figuram trechos do «Comte Obrigado» (Moretti), «A filha de M.me Angot» (Lecocq), «La Perichole», (Offenbach), «Coups de roulis» (Messager), «Rose-Marie» (Friml), «Principe Orloff» (Granischtœdten), «Le petit Duc» (Lecocq), «Véronique» (Messager), e «Tip-Toes» (Gershwin).

A de Madrid (424 m.), que dá ás 22 h. uma selecção da zarzuela de Oudrid, «El Postillon de la Rioja».

A de Langenberg (473 m.), que dá ás 22,50 a «Sinfonia n.º 3 (Heroica)», de Beethoven.

Abadia-Restaurant
Todos os dias
Café-Concerto das 3 ás 6
e Jantares-Concerto das 8 ás 12 da noite
COZINHA FRANCEZA ◄► Grande serviço de Almoços, Jantares e Ceias. Café Moka

OLIMPIA CLUB
Grande successo
CONCHITA ESPINOSA
Estilista de Tangos
Na Taverne: Fados e duetos por eximios cantadores.

Julio das Farturas
◄═══► PARQUE MAYER
HOJE
A GRANDE NOITE 8 partes
Brilhante e divertidissima comedia universal
A celebre estrela
LAURA LAPLANTE 1 parte *LUNA PARK*
Amanhã — Matinée ás 17.
RIR — RIR — RIR

Dr.ª Laurinda Alambre
Doenças do utero e anexos. Partos
Clinica geral. R. Garrett, (Chiado), 36, 1.º, Esq. Telefone C. 3680.
Das 14 ás 16 horas.
Residencia: Telefone Trindade 893

Declaração
A todos interessa
Para os devidos efeitos se participa que terá HOJE lugar a abertura da MANTEIGARIA TRIUNFANTE, Rua da Prata, 262 a 264.
Não deixe V. Ex.ª de visitar este estabelecimento e de experimentar, principalmente, a excelente manteiga que ali se vende.

CRONICA

DEVAGAR
que temos pressa

Ha pessoas que não pódem contar com cousa alguma nem mesmo com o acaso, Porque ha existencias sem acaso, como dizia Balzac. Os "chauffeurs" estão nessas condições, embora possa parecer o contrario. Em vez do Acaso, sinónimo de Sorte, divindade dos antigos, dependem dos acasos, com a minusculo, de acidentes e incidentes que lhes pódem alterar por completo o destino. Tão acostumados estamos a vê-los desfilar diante dos nossos olhos a cada momento, que não lhes prestamos a atenção que realmente nos merecem. Olhamos para os carros, na sua constante e progressiva diversidade de marcas e aspectos, sem que nos passe pela ideia o que representa a acção de quem vai ao volante, de quem os guia. Desde que o pensador Pascál inventou o "omnibus„ fazendo-o, com aplauso do duque de Roannés, circular em Paris, pela primeira vez, em 18 de Março de 1662, os meios de transporte foram-se transformando aceleradamente até os automoveis que estão agora em pleno apogeu ou talvez cedendo já logar aos aviões, que tendem a aparecer no serviço privativo de particulares.

Anunciaram de Creyden que se encontram ali, em construção, varios taxis aereos, a shilling por milha, e isto representa a transição logica do publico para o particular que não tardará a dominar em toda a parte. Os caminhos asfaltados ou empedrados vão ceder em face da amplidão azul, mais vasta e luminosa. Mas enquanto não se realizar esse progresso com simples avionetas subindo, quasi verticalmente, dos terraços das casas que dispensarão telhados, por inuteis e anacronicos, os automoveis seguirão o seu curso normal. Assim o compreenderam os norte-americanos colocando á entrada das suas povoações grandes letreiros com os seguintes dizeres:—"se fôres devagar, verás a nossa cidade, mas se fôres muito depressa, verás a nossa cadeia„—como justo comentario ás leis que não permitem velocidade além de dezasseis quilometros por hora. Seguindo o mesmo criterio, o Club Rotario, de Lima, fez erguer numa das colinas proximas dessa capital peruan aum monumento cuja base de pedra diz a quem passa que:—"devagar se vai ao longe„—tendo em cima, como remate, um automovel completamente destroçado.

Em Portugal podemos dispensar semelhantes avisos. Os nossos "chauffeurs„ são, em regra, de uma inexcedivel compreensão dos deveres a cumprir e não possuem instintos perversos. Bastará lembrar que ainda não foi condenado, entre nós, um unico "chauffeur„ pelo art. 39.º do Codigo da Estrada, com referencia ao Codigo Penal, por ter voluntariamente morto ou ferido qualquer pessoa, no exercicio da sua profissão, cuja responsabilidade é tremenda dentro das leis e dentro da necessaria segurança da circulação publica. Ao passo que, ao volante, arriscam, a cada minuto, a sua vida (como o que foi recentemente ferido, á navalhada, entre Covilhã e Castelo Branco), por desconhecerem a indole e as intenções do freguês que devem atender — os que andam a pé quasi que os olham com ar agressivo. Estão sempre dispostos a torná-los culpados de quanto possa acontecer de mau, sem que se lembrem sequer que, na quasi totalidade dos casos, é aos peões que cabe, de acto, a causa dos successos, embora se furtem á respectiva responsabilidade criminal. Os guardas de segurança publica ou de qualquer outra secção, a Guarda Nacional Republicana, o pessoal privativo da policia das estradas, porque lhes compete o levantamento dos autos de transgressão, deveriam, mais do que ninguem, fazer sentir aos seus superiores, e estes a quem de direito, que o mal de muitos atropelados e feridos pertence exclusivamente ao proceder irreflectido ou propositado dos mesmos.

Porque desde as crianças que atravessam subitamente as ruas na frente dos automoveis, por descaso ou má educação dos pais, a outras crianças ou mesmo adultos que se põem a dançar diante dos carros, com ar de troça, escarnecendo dos "chauffeurs" e sujeitando todos a uma desgraça, vai uma escala curiosa de factos a apontar.

Ha até quem sinta um prazer especial em atravessar nos cruzamentos só quando o sinaleiro manda avançar os automoveis e em fazer outras proezas semelhantes forçando os carros a desvios que podem motivar choques fatais. Chega mesmo a parecer, em determinadas ocasiões, que ha quem não receia ser atropelado e procura, com arrojo, atropelar os automoveis... Se foi reconhecida a necessidade oficial de levantar autos contra os "chauffeurs" considerados transgressores tambem se deveria cuidar de envolver nos respectivos casos as criaturas que propositadamente, por graça, perversidade ou falta de preparo, muitas vezes os provocam. Isto no interesse de todos—de "chauffeurs", passageiros e peões—porque, como dizia Alexandre Dumas, Filho:—"a vida é o habito que custa mais a perder, talvez por ter sido o primeiro que nós adquirimos"...

Mario Monteiro
Advogado

PAPELARIA MARQUES
GRANDIOSO SORTIMENTO
Artigos para escritorio. Canetas com tinta. Estojos para desenho. Pastas, Carteiras, Caixas de papel, Lapiseiras EDACOTO e Ehversharp. Tintas para pintura a oleo, tintas e lapis para pintar tecidos.
REMESSAS PARA A PROVINCIA:
Rua do Ouro, 86—LISBOA

VINHOS DO PORTO
CÁLEM
CASA FUNDADA EM 1859
Agentes: BRAGA, BASTOS & SAMUEL, Ltd.
R. do Alecrim, 55, 2.º
Telef. T. 2398

Sortes grandes?
só o **FINA** as vende
75 — Rua de S. Paulo — 77

Ceramica de Construcção
TELHAS
(de todos os tipos)
MANILHAS DE GRÉS
TIJOLOS
(de todos os formatos)
PRODUCTOS REFRACTARIOS
AZULEJOS
(brancos, pintados e artisticos)
LADRILHOS DE CIMENTO
PRODUCTOS DE OLARIA
LOUÇA SANITARIA
MOSAICOS DE GRÉS CERAMICO
DAS FABRICAS DA
Companhia da Fabrica Ceramica Lusitania
Antiga Fabrica Bessiére
Rua do Arco do Cego, 68, (Campo Pequeno)
Telefones: 547-N. e 2626-N. — Telegramas: FABRISSÈG

O DIARIO DE LISBOA vende-se e recebem-se anuncios na Livraria de A. S Capela, em Faro, e na sucursal de Olhão

Mundanismo

Aniversarios

Fazem depois de amanhã anos as sr.as:

D. Mariana Mimoso Guedes Brandão de Melo Magalhães, D. Elena de Vasconcelos Guimarães Oliveira, D. Regina da Camara Julio Guerra, D. Judite Sena, D. Tomasia de Figueiredo, D. Maria Guerreiro e a menina Maria Clotilde de Mascarenhas e Meneses Garcia.

—Faz amanhã anos a sr.ª D. Maria Emilia Carvalho Costa.

E os srs.

Conde das Galveias (D. José) e Diogo Sena.

Pontos de reunião

No Politeama

Foi elegantemente concorrida a noite de onpela primeira vez a peça francesa «Mamã» traduzida pelos nossos presados colegas na imprensa srs. Avelino de Almeida e Dias Costa, na qual fazem a estreia e reaparecimento a ilustre artista sr.ª D. Palmira Bastos, que nessa peça teve ocasião de mais uma vez pôr em evidencia as suas brilhantes qualidades de comediante. Na assistencia viam-se, entre outras pessoas as sr.as:

D. Elisa da Costa Novais, D. Isabel Ortigão Ramos Jorge, D. Alice Barjona da Costa de Sousa de Macedo, D. Palmira da Costa e Silva, D. Bela James Esteves da Fonseca, D. Ricardina Marques Vieira Pinto e filha, D. Maria de Castro Ferreira de Almeida, D. Maria do Carmo Belmarço Pereira de Carvalho, D. Amelia Santa Rita Gomes Neto e filha, D. Catarina Borges Horta e Costa, D. Rosa Espinho, D. Eugenia Maria de Oliveira Lopes, D. Carolina Teixeira Pereira, D. Maria Antonia Machado Cardoso de Meneses, D. Maria Emilia Neto Afonso Pereira Ccutinho, D. Maria Julieta Costa e Silva, D. Maria José Graça Ribeiro Ferreira, D. Alice de Castro Graça, D. Alda Rodrigues de Macedo, D. Adelia Borges de Carvalho e filha, D. Adelia Pereira, mesdemoiselles Costa Pinto, etc., etc.

No São Luis-Cine

O filme «O Principe Estudante» com Norma Shearer e Ramon Novarro, continua atraindo a este aristocratico «cine» todas as noites uma selecta concorrencia, entre a qual nos recorda ter visto ontem as sr.as:

Condessa de Seisal, condessa de Carnide, D. Maria Antonia Tedeschi Placido e filha, D. Aida Guedes Pinto Machado e filhas, D. Henriqueta da Costa Lobo, D. Maria Isabel de Castro Pereira de Arriaga e Cunha, D. Luisa de Sousa e Holstein Beck Correia de Sá, D. Maria Teresa de Lima Mayer de Magalhães, D. Sofia Roboredo de Oliveira Portela, D. Maria do Carmo de Castro Pereira de Carvalho, D. Margarida Bastos Ferreira Rocha, madame Carlos Gomes, D. Maria Gomes Simões madame Armando Costa, D. Maria de Freitas Simões, mesdemoiselles Castro, etc., etc.

A Caridade

Chá Dançante

Entre os numeros que se exibirão no «chá dançante» de caridade que na tarde do dia 6 de Dezembro proximo, se realiza no salão grande anexo ao Tivoli, levado a efeito por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, figura a notavel actriz cantora Corina Freire, que se fará ouvir em varios «Lieds».

Pela enorme distribuição de convites tudo nos leva a crer que a primeira festa de caridade deste inverno seja elegantissima.

No Monte Estoril

No Hotel de Italia

O segundo «chá dançante» que no domingo se realiza no Grande Hotel de Italia, do Monte Estoril, está sendo aguardado com verdadeiro entusiasmo pela nossa primeira sociedade, tanto de Cascais e Estoril, como de Lisboa. Nessa tarde haverá varias surpresas.

Casa de Saude de Benfica

A Direcção, tendo tido conhecimento das noticias vindas em varios jornais dando a mesma Casa como vendida, participa aos Ex.mos Clinicos e Clientes que tais noticias não são verdadeiras e que nem mesmo quaisquer negociações estão pendentes sôbre esse assunto, pelo que continua a receber doentes.

Grande Hotel d'Italia
Mont'Estoril
Amanhã
Chá Dançante

ESTORIL
Hotel do Parque

Comensais Esc. 300$00 mensais e Esc. 150$00 á quinzena, dá o HOTEL COIMBRA, frente ao Rossio, entrada pela Rua dos Correeiros, 287, 3.º.

Quer a sorte grande?
Habilite-se na tabacaria MADRID
Rua do Mundo, 115

1580-1640

O FILIPISMO

ou o êrro historico

da junção de Portugal e Espanha

por Norberto de Araujo

O movimento restaurador da Independencia, em 1640, tem de ser encarado como um facto historico de natureza politica, sem qualquer especie de projecção sôbre o nosso tempo.

A leitura e o contacto com os homens, um pouco de serena reflexão em horas intermitentes de estudo, desde ha muitos anos me atiraram para a convicção de que, ao contrario de outros acontecimentos historicos mais regressos, o filipismo foi um fenomeno politico isolado, mais consequencia do paralelismo de dois estados agudos opostos — ainda que pareça paradoxal — do que da vontade dos homens, ou, e essencialmente, do que de uma razão politica determinada.

Castela, cabeça hegemonica de Espanha, estava no auge do seu poder territorial, de certa forma imperialista, favorecida pela inspiração de Carlos V.

Portugal, diminuido pelo desastre de Alcacer-Quibir e amolecido pela politica religiosa e anti-nacional, que começou em D. João III, estava no auge da sua fraqueza economica e moral, agravada por uma crise dinastica, resultante da aventura do rei D. Sebastião.

A absorpção de Portugal pela Espanha foi uma fatalidade, que derivou mais de coincidencias e circunstancias gravosas em pressão do que de um destino politico, inevitavel e logico.

Tudo quanto se diga, e tem dito, em contrario não será derrotismo. Mas será êrro de visão, partindo das convicções e dos preconceitos para os factos, e não destes para aqueles.

* * *

O sonho da reunião das duas corôas de Portugal e Espanha num unico país — não passou de sonho politico. (Os 60 anos de filipismo foram um pesadêlo).

Alguns reis de Portugal pensaram nisso, mais até talvez que os de Espanha, que tambem acarinharam a ideia da empreza.

Mas essa reunião de dois reinos capitais — a unidade peninsular — não podia ter nenhum fundamento etnico. Esse foi sempre o grande êrro. A circunstancia geografica é um factor secundario, que aproveitava apenas a especulações do momento politico.

E tanto assim era, e é, e será *ad aeternum*, que essa suposta união só se podia fazer sob a hegemonia de um dos dois grandes povos peninsulares.

A hegemonia é, por si só, o principio da insociabilidade, e a negação da possibilidade de uma fusão logica. Os dois sangues podiam misturar-se mas não confundir-se.

Abstraindo destas três formidaveis forças da gente portuguesa, e que são a sua razão de ser no quadro dos povos que se pertencem a si proprios: ansia de liberdade, epilepsia da independencia, e individualidade da lingua — outras razões inalteraveis e insensiveis ás oportunidades politicas, impediam a realização do sonho peninsular. Entre elas a de que Portugal é totalmente diverso da Espanha, e só aqui ou ali, em contactos de territorio mal expresso se poderia, e com forçada habilidade, encontrar uma paridade etnica.

Os exemplos da primeira dinastia são formidaveis. O padrão tipico da Independencia, com D. João I, e que tem Aljubarrota por fulcro objectivo, é outra formidavel indicação.

Mas por outro lado, a impreparação, mesmo a negação do espirito espanhol, para isso a que se pode chamar a politica da unidade peninsular, é tal, tão flagrante, tão desenhada a relêvo nas plantas da politica do seculo XVII, que mesmo que os dois povos, por aberração, um dia se tivessem querido voluntariamente unir, isso teria sido impossivel.

Quando de 1580 a 1640 a Espanha não soube aproveitar «a fortuna da nossa fatalidade» — nunca mais em milhões de anos que a Peninsula exista ao de cima dos mares, será possivel outra reunião.

Já temos ouvido dizer: «o grande êrro foi os dos nossos conspiradoresinhos de 1640. Se não fôssem eles, isto (a Espanha peninsular) seria um ceu aberto». Nem a Espanha podia com Portugal nem Portugal cabe dentro da Espanha.

Filipe II enganou-se, ou, antes, não considerou bem que o dominio europeu da corôa de Espanha no final do seculo XVI seria muito mais completo se tivesse deixado Portugal tranquilo.

Era talvez á Espanha mais facil, e talvez mais legitimo, ter demorado a posse da Flandres.

O conde-duque de Olivares foi impolitico, grosseiro, mau conselheiro de Filipe IV, odiento. E tudo isso, com a acção do marquês de Castelo Rodrigo, precipitou a conjura, acordou a alma adormecida da nobreza e do povo, e despertou as furias do clero, elemento forte na preparação do ambiente de 1640.

Mas demos ás cousas os seus nomes: O conde-duque de Olivares não resistiu ao destino. Bastaram 60 anos de demonstração da incapacidade politica espanhola — para pôr Portugal na plena posse da sua consciencia autonomica.

Portugal e Espanha são irmãos, é certo, por indiscutiveis afinidades remotas. Mas o simples facto de estarem de costas, cada um voltado para o seu mar, não é indiferente para a marcha dos sucessos politicos e para a formação dos caracteres.

Seria preciso que os dois povos fôssem gemeos. E isso não são.

* * *

Já o duque de Alba dizia, quando se visionou conquistar Portugal:

— E onde se hão-de agora refugiar os nossos filhos?

Isto dá ideia do espirito da Espanha do tempo de Filipe II, das suas lutas intestinas na perseguição da nobreza, e da duvida que o experimentado guerreiro, sempre de mal com a corôa, alimentava na eficacia do projecto da sucessão do seu rei ao trono combalido de seu tio, o cardeal rei D. Henrique.

A genese da absorpção estava mais em Portugal do que na Espanha. Na Espanha havia a natural, não dizemos legitima, sedução da oportunidade. E não era colectiva, que sempre a Espanha teve politicos inteligentes.

Mercê das duas circunstancias que atrás apontei — enfraquecimento do sentido vital e autonomo da raça após D. Sebastião, perda da sensibilidade nacionalista e decapitação da flôr da nobreza em terras mouriscas — a corrupção foi possivel.

Foi por ela, antes da morte do cardeal que Filipe II, pelo seu agente Cristovão de Moura, «conquistou Portugal».

Oitenta por cento da nobreza estava comprada. D. João de Mascarenhas, desonrado na sua gloria de Diu, logo um dos cinco governadores do Reino após a morte do velho e frouxo purpurado rei; D. Fedro de Alcaçovas, que fôra ministro de D. João III; D. Fernando de Noronha, D. Francisco de Sá, D. Antonio de Castro, D. Luis da Silva, amigo de D. Sebastião, a duquesa de Aveiro, a condessa da Vidigueira — execrandos nomes, de cuja vergonha alguns descendentes os redimiram mais tarde, e não foram todos — estavam a sôldo.

Poucos foram os que resistiram ás seduções do agente filipino. D. Manuel de Portugal, nobre conde de Vimioso, D. João Telo de Menezes, D. Diogo de Menezes, que foi ao patibulo pela Patria, e essa extraordinaria figura de plebeu, procurador do Povo, simbolo da nossa gente, que foi Phoebus Moniz — e poucos mais.

D. Catarina de Bragança era, apesar de varonil, mulher, e como mulher, ainda que dilecta de seu tio cardeal rei, foi vitima dos tramas dos «espanholados». D. Antonio, o Prior do Crato, era venal, pusilanime, irregular e pouco habil. Estes dois pretendentes, apesar do vago amparo, mas não hostilidade, das côrtes de França e de Inglaterra, e do proprio Gregorio XIII — não lograram vencer, desavindos sempre, a covardia moral da nobreza, a fraqueza do rei moribundo, e aproveitar as explosões populares, de cujo demagogismo tremeram.

Mas quando ha firmeza a demagogia porta-se bem.

— «A plebe é ignorante, incapaz de escutar a razão, e está obscurecida pelas sugestões de interesses particulares» — escrevia do Escurial o filho de Carlos V ao seu tio decrepito, agonisando no Paço de Almeirim.

Lá sabia Filipe II que era o povo a base da liberdade em Portugal, e com ele não hávia que contar, para a sua causa. A demagogia era o pretexto, e se é certo que a houve sempre, como o saque nos exercitos vitoriosos, a verdade é que em 1385 ela não deu de si. A demagogia no povo é reflexo da tirania de cima, dos nobres ou dos reis.

Filipe II entrou então no campo das promessas. Adormeceu o rei cardeal, mas não adormecia o povo, que sem chefes, nem procuradores, se entregava a espectaculos dissolventes.

* * *

E como cumpriu a Espanha as promessas? Como havia a Espanha, sem tacto politico que substituisse a razão historica, de conservar Portugal, e o tentar fundir no seu sangue, por meio de uma politica justa, habil, generosa, que desse uma ilusão, ao menos, de determinismo peninsular?

Faltou a quasi tudo. Não guardou os foros antigos de Portugal, não nomeou para governadores exclusivamente os portugueses, não confiou só ás nossas tropas as nossas praças, não deu só a portugueses a investidura dos cargos e oficios do Paço e Govêrno; tirou aos portugueses monopolios ultramarinos, entregou a espanhois cargos, beneficios e pensões eclesiasticas; tirou-nos comendas, não mandou logo franquear os portos secos, carregou Portugal de tributos, não favoreceu Portugal nas cousas da navegação e da economia, criou fronteiras só para nós, não fez viver o rei em Lisboa periodicamente, obrigou-nos a dar armas, dinheiro e tropas para combater a Catalunha.

Quere-se maior falencia do genio politico? Maior prova de que nunca Portugal caberia em Espanha, e que a união das duas corôas, só era possivel pela hegemonia de uma, isto é: pela escravatura da outra?

E ainda ha quem suponha, teimosamente, abstraindo das velhas realidades, que seria possivel fazer disto — Portugal e Espanha, só porque se contêm na mesma peninsula geografica — um país unico!

E ainda ha quem lamente «aqueles conspiradorsinhos de 1640...!»

O estado da fazenda publica era de bancarrota. O imposto do sal foi uma afronta. Os juros da divida levavam quasi metade dos rendimentos.

Nem a visita de Filipe III a Portugal, ostentosa e inutil, nos diminuiu a opressão. O rei fugiu. Levaram-nos navios, levantaram dos cofres particulares e da reduzida fortuna publica milhões de cruzados. No Porto, até o vinho pagava imposto de venda. Veio o imposto do real de agua. Dobraram as cizas. Os abusos fiscais eram tremendos. Já não se podia pagar! E chegou-se a pensar em desarmar Portugal...

Não. A «união iberica» é um êrro, que daria um crime, contra o país que a tentasse. Mais facil, mais digna, mais logica, feita sob a hegemonia portuguesa, no seculo XV — por maior genio politico e realizador dos nossos — mesmo assim ela seria impossivel.

De modo que, assim, 1640 foi mais uma reposição do que uma revolução. Repôs-se Portugal na sua verdade, e destruiu-se para sempre a mentira de uma possibilidade, que não convinha nem a Espanha nem a Portugal.

* * *

A Espanha de hoje não tem nada que vêr com tudo isto. Ela não é a mesma. A Espanha de hoje recorda tudo isto, como nós o fazemos.

A amisade luso-espanhola, que estremecemos do fundo do coração, é mais possivel, e até mais logica, colocado cada país no seu justo lugar, do que dentro de uma suposta e quimerica união, contra a Historia e contra os factos, fundamentos, realidades e espirito imutavel dessa Historia.

A revolução de 1640 — grito de alma oprimida — se tem falhado em 1.º de Dezembro teria vindo em 1 de Janeiro.

E se se tem prolongado o filipismo, teria sido a Espanha quem faria a Revolução, porque Portugal era demais para ela...

NORBERTO DE ARAUJO

DAS MARGENS DO TIBRE

O Convento de Palazzola

que pertencia ao Instituto de Roma

E O QUE SE DISSE

acêrca da sua venda

«Possuia tambem o Instituto de Roma o Convento de Palazzola...»

... ...

Em 1913 passava a fazer parte do Instituto, para ser vendido, dois anos mais tarde, pela irrisoria quantia de 63 mil liras.»

Irene de Vasconcelos

(Diario de Lisboa de 11-6-929).

Um dos cavalos de batalha dos adversarios da Republica e dos catolicos mal informados contra o Instituto, é a venda do *Convento de Palazzola*, sob o Lago Albano no *comune* de Rocca di Papa, a 30 quilometros de Roma, que uma monografia, saída das oficinas do *Comercio do Porto*, em 1904, sob o titulo *Palazzola — Um convento português na Italia*, do sr. Visconde de S. João da Pesqueira, descreve e sublima.

A igreja deste convento, dedicado a Santa Maria das Neves, foi erecta no principio do seculo XII. Tem pinturas de Masucci. O papa Clemente XII, devido aos relevantissimos serviços prestados á Cristandade pelo nosso D. Frei José Maria da Fonseca e Evora, e porque ele o reedificou, *a fundamentis*, doou-lhe este convento por Breve datado de 9 de Abril de 1738; e porque ele era padre franciscano, não tendo descendentes nem podendo testar, por sua morte passou a sua posse para a corôa portuguesa. Tem pinturas, em duas celas e numa sala, do holandês Ipolito Scouzani.

Quando da ocupação napoleonica foram levadas do convento algumas preciosidades nele existentes; unificada a Italia, esta tomou imediatamente posse do convento, mas os frades franciscanos, que sempre o habitaram, nunca deixaram de o reconhecer como propriedade legitima da nação portuguesa.

O caso deu origem a um importante e debatidissimo pleito diplomatico, que durou longos anos até que, em consequencia dum acordo celebrado com o governo italiano, em 1880, o encarregado de negocios de Portugal em Roma, novamente dele tomou posse, em nome do govêrno português.

* * *

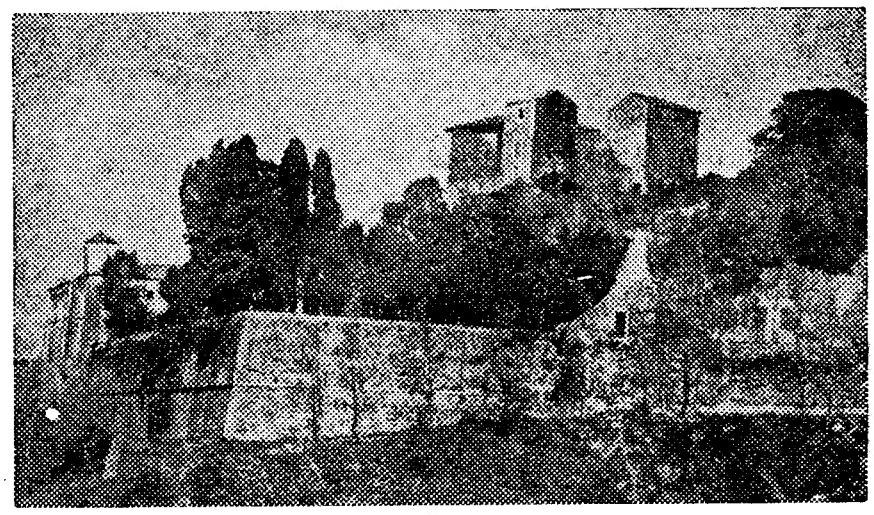
Antes de mais nada é indispensavel dizer que o convento de Palazzola era propriedade do governo português e não fazia parte dos bens do Instituto.

O Governo, por iniciativa do falecido dr. Lambertini Pinto, então encarregado de negocios junto do Quirinal, cometeu-lhe o encargo da administração do convento, quer para suportar as despesas da sua conservação, quer para arrecadar as suas eventuais receitas, o que tudo consta da ordem de serviço de 6-7-1911, registada a pag. 61 do antigo *Livro das Actas da Comissão Administradora*.

O Governo português alheiara-se por completo, havia muitos anos, das necessidades que o Convento, muito arruinado, instantemente exigia e dia a dia se amontoavam. Daí a ideia da venda...

O *Convento de Palazzola* era habitado por meia duzia de frades franciscanos, que, coitados, lá se aguentavam com grave sacrificio da sua saude, por deliberação superior e no empenhor de não cederem a outrem o goso do Convento, tradicionalmente na posse da sua Ordem.

Entabolaram-se negociações com a *Ordem dos Franciscanos* para a compra ou arrendamento do Convento, a longo praso, por um preço quasi irrisorio, tão barato era; mas, chegadas ao fim as negociações, o Superior da Ordem negou-se a assinar a escritura, porque tal acto—dizia ele—constituiria... uma espécie de reconhecimento oficial da usurpação que a Igreja



O Convento de Palazzola

sofreu, em 1870, com a queda do poder temporal dos papas!

O dr. Eusebio Leão, conversando um dia com uma eminentissima personalidade, contou-lhe este curioso episodio. Sorrindo-se, essa alta personalidade retorquiu: «Não se admire; só ha poucos anos ainda é que uma das republicas da America Central se decidiu a reconhecer a Italia!»

* * *

As coisas de Palazzola estavam neste pé, quando, caindo um muro de suporte, da propriedade sobrejacente da sr.ª duquesa Sforza Cesarini, desabou uma *frana*, o que levou a mesma a reclamar do Instituto a pronta reconstrução do muro ou uma adequada compensação — despesa que o engenheiro do Instituto então calculou, na melhor das hipoteses, ser superior a 5.000 liras.

O sucedido convenceu a administração do Instituto, depois de estudar com o engenheiro, atentamente, as duas soluções, de que era indispensavel: ou obter do governo português um subsidio avultado (não menos de 50.000 liras) para restaurar Palazzola, ou promover a respectiva venda, já que o Instituto não se encontrava em circunstancias financeiras de arcar com tão avultadas despesas.

O governo português, infelizmente, negou o subsidio e autorizou, com a lei n.º 405, de 9-9-1915, a venda.

O preço para a venda, fixada pelo dr. Lambertini, era de 30.000 liras; o preço por que o administrador, ao tempo, do Instituto e signatario desta breve exposição, a contratou com o dr. Carlo Arnaldi, para a instalação duma casa de saude, foi o de 63.000 liras, ficando a cargo do comprador o liquidar a questão da *frana* com a sr.ª duquesa Sforza Cesarini e garantida ao Instituto a entrega do retrato de Frei José Maria da Fonseca e Evora (que muitos eruditos consideram filho natural de D. João V) do quadro do altar-mór da Capela, bem ou mal atribuido ao pincel do celebre Perugino, etc.

Este interessante quadro ainda se não encontra no Instituto, porque é necessaria uma autorização especial do Ministerio da Instrução, já pedida, mas nunca concedida. O Ministerio alega que o quadro sofreria muito se fosse retirado de onde está... e lá está ainda.

Como o Governo desejasse ouvir o administrador sobre a venda, o administrador foi a Lisboa, mas a despesa ferroviaria da viagem foi tambem suportada pelo comprador.

A escritura da venda tem a data de 14-10-1915, foi lavrada pelo notario Filadorio e registada em Frascati, em 21-10-1915, sob o n.º 155 no vol. 63 dos actos publicos.

* * *

A propriedade de Palazzola compunha-se do edificio do Convento, dum pequeno anexo lenominado *Palazzina*, dum jardim ou horto e duma mata, que não estava bem demarcada e que do Convento descia até quasi ao lago de Albano.

No Convento viviam os franciscanos e, durante o verão, o reitor e os capelães do Instituto. Na *Palazzina* instalavam-se, de quando em quando, para passar alguns dias alegremente, varios secretarios da legação, o que é confirmado pelo sr. visconde de S. João da Pesqueira, no prologo da sua interessante monografia, nos seguintes termos:

«O primeiro secretario da legação portuguesa junto do Quirinal é o que se chama vulgarmente um belo rapaz. Conhecendo bem Roma, o seu retiro de goso espiritual é Palazzola; foi numa das dependencias do Convento, chamada a *Palazzina*, que ele foi eleger um domicilio cheio de conforto e bom gosto, a sua verdadeira casa, mais ainda que a da Via dei Portoghesi em Roma.»

E os secretarios de legação, ás vezes, instalavam-se na Palazzina em amavel companhia, do que os frades se lamentaram ao sr. Eusebio Leão...

A mata estava arrendada por um preço bastante ridiculo.

Eis, a traços largos, a historia de tão discutida venda de Palazzola.

* * *

Agora ouso eu preguntar: desta rapida exposição não se colhem elementos para compreender uma parte das criticas desagradaveis, que á mesma venda têm aparecido, em alguns periodicos?

Eu creio que sim...

Um tendencioso memorial do sr. Reitor afirmou que «o Instituto deve a sua existencia unica e exclusivamente á liberalilade e munificencia de diversos testadores.»

Convém rectificar...

A Republica já contribuiu com 63.000 liras (o produto integral da venda do Convento de Palazzola) para os cofres do Instituto,—circunstancia, que eu a bem da verdade e para honra da Republica, não quero deixar de registar aqui.

O produto da venda foi convertido, como se vê no oficio de 15-10-1916, dirigido ao sr. Director Geral da Fazenda Publica, em 5 obrigações do 2.º emprestimo de guerra, do valor de 10.000 liras cada uma, com os numeros 15742, 15761 a 15764, vencendo o juro de 5 por cento, e bem assim em 17 titulos da chamada *rendita consolidata* italiana, do valor de 1.000 liras cada um, com os numeros 610532 a 610548, vencendo o juro de 3,50 por cento,—operação que o administrador realizou porquanto o produto da mesma venda não podia aplicar-se á reconstrução do predio pertencente ao Instituto e situado na *Via della Croce Bianca*, consoante determina a lei de 9 de Setembro de 1915, publicada no *Diario do Governo* da I série, n.º 181, que autorizou a referida venda.

EMIDIO GARCIA

Ex-administrador do Instituto

Ao Fiel Leão

RESTAURANT

Esta casa acaba de contratar um dos melhores chefes de cosinha para asism bem servir a sua numerosa clientela de almoços e jantares aos domicilios, e bem como o esmerado serviço á lista a preços reduzidissimos

Rua Moraes Soares, 162-164 (em frente a Rua Francisco Sanches)

Telefone N. 2447 Aceitam-se comensaes

Automovel REO gratis

Cada **Sabonete Natal,** *que é vendido em todo o pais a* **Esc. 3$00,** *contém uma senha que habilita o seu possuidor, pelo sorteio da lotaria do Natal, a uma conduite* **REO,** *no valor de 50 contos, e a todas as lotarias semanais a uma esplendida* **grafonola Columbia,** *no valor de* **900$00.**

Cada senha habilita a todos os sorteios até ao Natal.

Deposito: Sociedade Cruz Sobrinho

Rua do Carmo, 43, 1.º

Sortes grandes ?

só o **PINA** as vende

75 — Rua de S. Paulo — 77

Quer a sorte grande ?

Habilite-se na tabacaria MADRID

Rua do Mundo, 115

PELOS CINEMAS

Primeira fórma!...

De quando em vez — lá quando o rei faz anos... — os nossos distribuidores reunem-se nos escritórios dum deles, para apreciarem a marcha do seu comércio. Essas reuniões, de carácter particular, quási secreto, têm um protocolo muito especial. Só são convidados, como para um sarau intimo, os concorrentes cuja presença é vantajosa, para colaborarem na efectivação duma «medida» impostas pelas circunstancias ou tratarem da classificação em «categorias» (como no «foot-ball»...) dos exibidores do pais.

Essas reuniões nunca vêm sós. Vêm sempre mal acompanhadas por outras, consequentes da primeira. E ao fim do certo número n (ou antes x...) — tudo volta á primeira forma.

Por exemplo: Houve agora uma série delas. Para a primeira foram convidados alguns distribuidores. Para a segunda esses e mais outros. Para a terceira os mesmos — menos um dêles... Enfim: arranjos, combinações e permutações dos oito elementos reinantes, n a n...

Da primeira resultou que algumas firmas ameaçaram desligar-se dum acôrdo ha muito estabelecido. Na segunda, outras sairam dispostas a seguir-lhes o exemplo... E assim por diante. Mas na última voltou a reinar a paz em Varsóvia, ficando tudo como dantes, quartel general em Abrantes — porque é assim que fazem os meninos bonitos.

Ah! Grande Associação Corporativa que cada vez fazes mais falta!

Aviso aos incautos

Isto não é uma secção de «faits-divers». Mas como a sabemos lida regularmente por numerosos cinéfilos, julgamos ser bem escolhido lugar para fazer constar um caso, ou antes uma série de casos lamentavel.

Nestes últimos tempos tem-se verificado nos cinemas um certo número de desaparições misteriosas, principalmente de sobretudos, gabardines e outros abafos abandonados nos lugares durante os intervalos.

Conhecemos alguns dos cinéfilos lesados, que têm julgado inútil queixar-se á policia, pois bem difícil se torna reaver os objectos assim subtilisados. Parece tratar-se duma quadrilha organizada e especializada nêsse género de roubos, que se verificam mais frequentes vezes nos cinemas de 1.ª ordem do que nos outros.

Ficam assim prevenidos os incautos. Nunca deixem a gabardine ou o casacão sósinho no lugar! Confiem-no aos cuidados do vestiário ou então não o larguem nem á mão de Deus Padre!

Ele é graça! Uma visão do «Patriota» ou do «Principe Estudante» pode ficar pela brincadeira de quinhentos escudos!...

Atrás da tela

Fala-se na formação duma nova empreza distribuidora de filmes para Portugal.

— Chegaram a Lisboa as cópias dos filmes: «Parce que je t'aime», de Grantham Hayes, com Nicolas Rimsky; «Os forçados da Noite», de Reginald Backer e «Noites de Principe», de Marcel L'Herbier, segundo o romance de Kessel.

— No Odéon, com o filme «Monte-Cristo», de Henri Fescourt, exibe-se a maravilhosa pelicula de Ladislas Starevitch, «O Relógio Mágico» — inteligentemente colocado no fim do espectáculo.

— No Central, depois da carreira de «Sua Excelência, o Morto», estreia-se o filme «Mandrágora» (Alraune), de Henrik Galeen, obra fantástica, desempenhada por Brigith Helm, Paul Wegener e Ivan Petrovitch.

— Na próxima segunda-feira, o Tivoli apresentará «Os novos senhores», de Jacques Feyder — celebre adaptação cinematográfica da peça de Robert de Flers e Francis de Croisset, «Les Nouveaux Messieurs», cuja apresentação em França provocou numerosos incidentes parlamentares.

— O São Luís estreia na terça-feira «A Outra Verdade» (Der Weltkrieg), da U. F. A. — a guerra vista pelos alemães — e promete para breve «Manolesco» e «Tempestade na Asia».

— Uma revista inglesa afirma que o panico de Wall Street causou a certas firmas produtoras um prejuizo superior a dez milhões de libras. Algumas acções desceram 25 pontos em dois dias. Mas as cotações de «Variety» não indicam qualquer grave ameaça para as fábricas mais importantes.

— Alice White vai casar com Sidney Bartlett no dia de Ano Bom, passando a lua de mel em Nova-York.

— Coleen Moore foi operada para extracção do apêndice. A operação foi-lhe aconselhada em Nova-York, mas Coleen tomou o primeiro comboio para a Califórnia, pois só confia no seu médico assistente.

— Edwin Carewe, «manager» de Dolores del Rio, transmitiu a sua parte no contracto dessa artista a Joseph Schenck, pela bonita soma de quinhentos mil dólares.

— Além do de Greta Garbo também morreu em Hollywood o cão de Nils Asther, que dava pelo nome de «Clumsey»...

SILVA NOGUEIRA
Artista photographo, e photographo de Artistas
R. da Escola Politecnica, 141
PHOTOGRAPHIA BRAZIL

DIALOGOS

GEADA

POR

Nogueira de Brito

Terpandro — Porque me trazes lirios, hoje, *Phryné*, e não me trazes rosas.

Phryné — Porque as geadas queimaram todas as rosas dos jardins.

Terpandro — Mas nos vales tambem ha rosas, nunca as viste?

Phryné — Vi sim, são estrelas que os silvados ostentam e que á noite se vêem como as do céu!

Terpandro — Porque não me trouxestes um ramo delas?

Phryné — Elas tambem morreram. A geada dos campos ainda é mais fria, por isso queima muito mais...

Terpandro — Eu tenho ouvido dizer que só o amor queimava e que só queimava os corações!

Phryné — E os corações que são feitos de gêlo, alguem os queimará? Por exemplo o gêlo que queima as rosas?

Terpandro — O gêlo não queima o gêlo, só queima o fôgo.

Phryné — Mas é curioso: Se o gêlo queima o fôgo, o que é então que o fôgo queima.

Terpandro — O fôgo não é mais que a lava dos corações.

Phryné — Mas isso é só nos corações!

Terpandro — Pois de corações sómente te estou falando.

Phryné — Mas as rosas não têm coração! Será por isso que é a geada que as queima?

Terpandro — Quem te disse que as rosas não têm coração? Tudo no mundo tem coração!

Phryné — E os corações são diferentes uns dos outros?

Terpandro — Têm todos a mesma forma mas por dentro, *Phryné*, não ha dois que se pareçam! E' por isso que existe o Bem e o Mal.

Phryné — O que é Bem?

Terpandro — E' o coração que se abre, como uma flôr... Como o mal é o coração que se fecha e jámais se abre!

Phryné — E quem abre os corações?

Terpandro — Abrem-se eles, por si...

Phryné — Como será o meu?

— *Terpandro* — Ele nunca te falou, *Phryné?*

Phryné — Se me falou, eu não o ouvi!

Terpandro — Tens razão. Quem o ouviu desde que disseste as tuas primeiras palavras, fui eu!

Phryné — O que disse o meu coração?

Terpandro — Que as rosas que tu me trazes ás vezes, têm muitos espinhos.

Phryné — Mas hoje trouxe lirios...

Terpandro — Trouxeste lirios, porque a geada não os queimou ainda. Foi o teu coração que te falou.

Phryné — Então nunca mais trago rosas!

Terpandro — Tráz sim, meu amôr, quando a geada as não queimar.

Phryné — Sabes tanta coisa *Terpandro!*

Terpandro — Só sei o que tu me ensinas, quando me trazes lirios e a geada queimou as rosas!

* * *

A noite estava recamada de estrelas. Phryné, fatigada, adormeceu ao pé dum zambugeiro, onde se enleiavam rosas de toucar. Luar não havia. Terpandro olhou os astros e empunhando a lira de sete cordas, tocou um hino á Natureza. Caiu do espaço a pena dum rouxinol, que antes estava a cantar. E a geada começou a dançar sôbre os troncos dos ramos mais altos!

NOGUEIRA DE BRITO

(Do n.º 6 de «Solução Editora»).

Um festival na Escola-Oficina n.º 1

Realiza-se amanhã, domingo, pelas 21 horas, na Escola-Oficina n.º 1, Largo da Graça, 58, um sarau de arte que merece toda a simpatia e todo o interesse do publico.

Ha dezenas de anos já que a Escola Oficina n.º 1 tem firmado e mantido um nobre e inteligente programa de instrução e educação. Nestes tempos em que de mau ou bom grado quasi todos devem curvar-se ante as dificuldades crescentes da vida financeira, a Escola Oficina atravessou crises economicas que só puderam ser vencidas pela abnegação dum punhado de professores, educadores e filantropos; e hoje, sempre firme e esperançosa, continua lutando, fiel ao seu programa e aos seus ideais em materia de ensino.

Por isso, é de esperar que todos os amigos, todos os admiradores da Escola Oficina n.º 1 e da sua obra educativa,— mais valiosa ainda se nos lembrarmos que o seu ensino é para quasi todos os seus alunos «absolutamente gratuito,— concorram na medida ao seu alcance ás festas—beneficios organizados em favor da Escola, festas que de resto têm tido sempre um elevado cunho de arte, valorisadas pela gentileza extrema de colaboradores preciosos, uns, artistas de grande nome, outros, amadores distintissimos.

O sarau que se realiza no proximo domingo, por exemplo, apresenta no seu programa uma peça num acto de Cesar Porto, «Um dominó», interessantissima obra de teatro interpretada por actores-discipulos do insigne mestre da scena portuguesa Araujo Pereira, seguido de recitações; a segunda parte é toda preenchida por numeros de canto lirico, estrangeiros e portugueses, a cargo dos mais notaveis discipulos da «Escola de Canto de Santa Cecilia», de Lisboa, fundada e dirigida pelo ilustre artista lirico e maestro A. Prati. E a 3.ª parte só por si constitui um sensacional momento de arte: Madame Britton's, a ilustre professora de gimnastica ritmica e de danças classicas e internacionais que têm triunfado entre nós como triunfaria em qualquer outro centro aonde levasse a sua arte e a sua actividade, apresenta algumas das suas gentilissimas alunas em danças variadas do mais fino gosto, devendo ser a ultima a dança estilisada sobre o «Corridinho do Algarve». E é bem caso para dizer-se que o sarau fechará com chave de ouro, não sendo necessario acrescentar nada mais.

A PENINHA GRANDE RESTAURANT
9 — RUA PASCOAL DE MELO — 9-A
(junto Almirante Reis) Telef. N. 5582
Optimo serviço de restaurant á portuguesa sob a direcção do seu proprietario e de um habil e bem conhecido cosinheiro — Almoços e jantares ao domicilio — Aceitam-se comensais — Reservam-se salas — ABERTO TODA A NOITE

PELO DESPORTE

Opiniões

O nosso amigo e colega Ricardo Ornelas, nos seus comentarios e vaticinios de «Os Sports», de ontem, falando acêrca do Chelas, do Bom Sucesso e do Casa-Pia diz, discordando da nossa opinião:

«...lemos algures (algures é no *Diario de Lisboa*) a opinião de que qualquer destes três clubes não tem estôfo para permanecer na Divisão de Honra».

Foi esquecida, porém, neste periodo, uma palavrinha que faz imensa falta: actualmente.

E agora diga-nos, amigo Ornelas: é mentira que actualmente *as 1.as categorias dos três clubes não estão em condições de disputar o campeonato da Divisão de Honra?*

E' mentira que o Chelas e o Bom Sucesso fazem um «foot-ball» antiquado, sem a técnica dos três «leaders»?

E' mentira que o Casa-Pia sem Roquete e Gustavo, sem Roquete, principalmente, é um «team» desmantelado, sem alma para lutar pela vitoria?

Diga, amigo Ornelas, é mentira?

Não é, e como a verdade deve ser dita desassombradamente, sem rodeios, eis a razão por que na segunda-feira passada fizemos aquela afirmação, da qual nem todos gostaram, mas, que era verdadeira.

Ecce, Direcção!

A Associação de «Foot-ball» de Lisboa tem, desde ontem, a sua nova direcção.

Custou, mas foi finalmente realizada a eleição que ha 3 sessões se andava arrastando.

E que os homens que actualmente se encontram á frente do «foot-ball» lisboeta ponham toda a sua inteligencia e toda a sua boa vontade ao serviço da causa que vão dirigir, é o nosso mais sincero desejo.

O resultado da eleição foi seguinte:

Direcção — Vergilio da Fonseca, presidente; Alexandre Ferreira, vice-presidente; Carlos Alberto de Figueiredo, tesoureiro; Almino Maia Loureiro, secretario geral; Frederico Candido Porto, secretario adjunto; Alfredo Santos e João Baptista Carvalho Santos, suplentes.

Conselho conciliativo e de contas — Pedro Del-Negro, presidente; Raimundo Ferro Mourão, relator; Alvaro de Sousa, vogal; Carlos Vilar e Artur Marques da Silva, suplentes.

Carcavelinhos Foot-ball Club

Realiza-se amanhã, domingo, 1 de Dezembro, na sede deste club, um baile dedicado aos socios e suas familias, que será abrilhantado pela «troupe» de bandolinistas «Aguias Negras».

Noticias diversas

Sob reservas, damos a noticia da vinda a Lisboa, a convite do Benfica e do Sporting, pela altura do Natal, dum «team» profissional hungaro.

— Na proxima segunda-feira daremos um relato pormenorizado do desafio que em Milão se realiza amanhã.

— O Barcelona venceu dificilmente o Espanhol por 3 bolas a 2, num jôgo cheio de incidentes, tendo sido expulsos do terreno alguns jogadores de ambos os partidos.

— Paolino Uzcudum continua treinando para o seu proximo combate com Griffiths.

— Realiza-se amanhã, pelas 10 horas, um treino de «basket-ball» entre o Grupo Desportivo «Os Treze» e o Club Nacional de Natação, no rectangulo da doca de Alcantara.

— Começa amanhã o Campeonato de «Rugby» de Lisboa, jogando o Benfica contra o Ginnasio e o Carcavelinhos contra o Sporting em ambas as categorias.

— Já existe o auto-foguete, o aviã-foguete, a moto-foguete. Em Portugal anda agora em moda nos clubes e nas Associações a «direcção-foguete». Passam tão rapidamente que nem sequer rasto deixam.

— Pelo Natal realiza-se em Barcelona o torneio promovido pela Federação Internacional de «Hockey» ao qual concorrem as seguintes nações: Espanha, França, Suiça, Austria, Holanda e Belgica.

Associação de Socorros Mutuos de Empregados no Comercio de Lisboa

Alberto Almeida de Oliveira Malta

Sessão de homenagem

Torna-se do conhecimento dos srs. Associados que se realiza ámanhã, 1 de Dezembro, pelas 15 horas, na séde desta Colectividade, uma sessão de homenagem a Alberto Almeida de Oliveira Malta, sendo nessa ocasião inaugurado o seu retrato.

Lisboa, 30 de Novembro de 1929.

O Secretario da Direcção
Antonio d'Amorim e Cunha

GINASIO
COMPANHIA LUCILIA-ERICO
HOJE—A's 9,30—HOJE
A arte suprema de Lucilia Simões
na celebre peça de Charles Méré, versão de Alvaro de Andrade
A PRIMEIRA NOITE

A Cidade

Café Chiado
O que tem melhor café
O que maiores comodidades oferece

Chá das cinco

Escolas de jornalistas

Tem-se falado ultimamente bastante em escolas de jornalistas, a proposito da conferencia que reuniu, ha dois anos, em Genebra, alguns técnicos abalisados da Imprensa de todo o mundo.

Verificamos, no entanto, com satisfação que esta ideia peregrina não encontrou, por parte duma grande maioria de associações jornalisticas, aquele ambiente de simpatia com que contavam os homens de Genebra, para a criação de escolas onde se supunha que os alunos podiam iniciar-se nos misterios da reportagem, com a mesma facilidade com que um engenheiro aprende a levantar uma ponte ou um agronomo a enxertar na videira nacional o «garfo» americano.

Ora o jornalismo, ao contrario do que muita gente supõe, é uma profissão que requere qualidades pessoais inatas e uma pratica que só pode ser adquirida em contacto com os acontecimentos e depois dum exercicio mais ou menos longo da profissão.

Em qualquer país que não seja o nosso, o jornalismo é considerado, entre as profissões nobres, uma das mais nobres, e os govêrnos levam o seu interesse por ele ao ponto de criarem Bolsas de estudo, para que os jornalistas possam alargar, em país estrangeiro, os seus conhecimentos e aperfeiçoar-se no exercicio da sua profissão.

Entre nós, o Estado facilita ao estudante, ao professor e ao artista, que satisfaçam determinados requisitos, um estagio mais ou menos longo em países estrangeiros, onde as suas faculdades se alimentam duma seiva propicia a vôos mais largos do que aqueles que a estreita gaiola nacional lhes consente.

Até hoje, que eu saiba, nenhum jornalista português aproveitou ainda desse favor publico, embora a nossa profissão exerça sôbre a educação geral uma influencia decisiva.

Querem alguns «espiritos superiores» que essa influencia não produza os resultados benéficos que seria para desejar, sem se lembrarem de que tudo entre nós é condicionado pelo magro regime de pelintrice nacional em que vivemos...

NORBERTO LOPES

A Aviação Militar

prestou hoje homenagem a dois aviadores

Passando hoje o 1.º aniversario da morte tragica, em Alverca, dos distintos e saudosos aviadores Santos Leite e Salgueiro Valente, os seus camaradas capitão Sandnes, tenentes, Faro, Baltazar, Ferreira da Silva e Dario de Oliveira e o sargento-ajudante Arnaldo de Araújo, em três aviões de Alverca, prestaram-lhes hoje uma homenagem, voando sôbre o Bussaco e vindo depois lançar flores no cemiterio do Alto de S. João, onde os dois bravos militares repousam.

Festa escolar

no Liceu Passos Manuel

Promovida pela Associação Academica do Liceu de Passos Manuel, realiza-se amanhã, pelas 13 e 30, uma festa escolar que reverterá a favor dos estudantes pobres deste liceu. Constar esta festa duma sessão solene seguida de baile. Na sessão solene evocar-se-ha em conferencias a data historica do dia 1.º de Dezembro e são conferentes o distinto professor de historia e filosofia sr. dr. Reis Machado e os alunos Heitor Ramalheira, Eduardo Fernandes e Victorino de Almeida. Em seguida o ilustre Reitor do Liceu de Passos Manuel apresentará o Grupo Musical exclusivamente constituido por alunos. Nos intervalos do baile ouvir-se-hão peças de concerto executadas tambem por alunos.

Um acontecimento

Variedades. "Sol de Portugal". Revista interessante, viva, luxuosa, saltitante, movimentada, enternecedora, sugestiva, enlanguescente, arrebatadora, ruidosa, irresistivel. Todas as noites. 2 sessões. Lotações esgotadas.

A MAIOR INDUSTRIA PORTUGUESA

O protesto

dos industriais de conservas

contra a abolição

do chamado regime "drawback"

Na reunião de ante-ontem, na Associação Industrial Portuguesa, foi nomeada uma comissão composta pelos srs. João Mendes Cabeçadas, Sebastião Ramires, José Barbosa e Matias Gomes Sanches, para se avistar, hoje, ás 18,30, com o sr. ministro das Finanças, a quem serão expostas as aspirações dos industriais de conservas.

Como se sabe, a industria das conservas é a mais importante do nosso país. E isso nos levou, para interesse dos nossos leitores, a ouvir esta tarde o sr. João Mendes Cabeçadas que começou por nos dizer:

—Tudo gira á volta do regime de «drawback», existente em Portugal desde 1867. Esse regime serve varias industrias, mas tem modalidades especiais para a importação de oleos e azeites para conservas. Como a propria designação o indica, esse regime é o seguinte: pagar direitos de importação temporaria e recebê-los novamente, quando se reexporta a mercadoria em que se emprega o produto importado.

—No nosso país...

—Ao principio, o «drawback» tinha esta finalidade de protecção, realmente benéfica, ás industrias. Pagavam-se os direitos e recebiam-se depois quasi na sua totalidade. Mas hoje já não acontece assim, porque tem havido sucessivos aumentos de impostos e têm-se criado variadissimas percentagens sôbre os direitos pautais. Desta maneira, têm-se inutilizado os beneficios do «drawback», porque o Estado, para a restituição dos direitos, dá sempre uma tal interpretação que exclue da devolução essas percentagens, geralmente superiores aos proprios direitos.

—Em face disso...

—O regime de «drawback» tem hoje apenas uma vantagem: constituir uma válvula de segurança contra a elevação dos preços dos produtos nacionais concorrentes dos estrangeiros que importamos.

* * *

Um pouco de historia:

— Varios organismos do Estado, a quem, por circunstancias que não podemos compreender (talvez para dar satisfação a outras industrias que se julgam com direito de viver á custa da de conservas — a maior de todas, porque envolve tambem a pesca —) tem vindo sucessivamente, com a adopção de medidas absolutamente inexequiveis, preparando uma situação que faça a todos convencer de que é impraticavel o regime do *drawback*. E assim, hoje, grita-se em toda a parte essa afirmação. Mas, se o *drawback* é impraticavel, é porque o tornaram assim, para o fazer desaparecer. E se ele fôsse, definitivamente impraticavel, impraticavel seria tambem, sem ele, a industria das conservas.

— Têm sugerido ou pensam sugerir ao Govêrno qualquer solução para o caso?

— A solução que tem sido sugerida, e certamente o será hoje, novamente, é esta: Se não ha o proposito de perturbar ainda mais a vida torturante da industria das conservas, que o «drawback» seja mantido na legislação portuguesa, embora sem necessidade de utilização, por se poderem fixar direitos para a importação dos azeites e dos oleos que não sejam superiores ao encargo que corresponde ao «drawback». E, como este encargo — que regula por cêrca de 51 centavos — já constitui protecção bastante razoavel para as industrias nacionais de azeite e de oleo, porque ha que atender aos encargos que oneram os produtos estrangeiros desde a procedencia até ás nossas fabricas, e atendendo a que essas industrias nacionais não são nascentes, mas já atingiram um grande grau de florescimento, como é que se compreende que, não podendo a industria de conservas dispensar o «drawback», que o Estado se recuse a dar-lhe essa satisfação: manter o «drawback» nas condições acima referidas?

Uma observação á margem:

— A prova de que as industrias nacionais de oleos e azeites já atingiram um grande desenvolvimento está nas afirmações dos proprios delegados da Agricultura e dos produtores de azeite que declaram não ter outra aspiração senão conseguir para esses produtos o preço mundial. Isto demonstra, portanto, que não se lhes torna necessária uma exagerada protecção.

— Realmente...

— Pela solução que expuz, ficaria restabelecida a paz, de que tanto carecemos para trabalhar, entre os conserveiros e os organismos que lhes têm perturbado a vida. E foi esse o critério que defendi, como delegado da industria das conservas na comissão oficial nomeada para rever a legislação referente á importação temporaria de oleos e azeites. Fi-lo, porque sinto que essa solução representa uma das maiores necessidades da industria. E que eu tinha razão, demonstra-o o resultado das reuniões magnas realizadas em todo o país e que tiveram agora a sua conclusão na Associação Industrial Portuguesa. Todos os industriais de todas as zonas do país defenderam e apoiaram o meu critério.

* * *

Uma pregunta delicada:

— Mas tem fundamento para pensar que, de facto, se quere revogar o «drawback»?

— Tenho. Varios organismos têm vindo fazendo sentir ao sr. ministro que é impraticavel esse regime. E, por isso, resolvemos procurar o sr. dr. Oliveira Salazar, para o informarmos completamente sôbre o assunto, certos de que S. Ex.ª se recusará terminantemente a tomar uma medida que seria um golpe de morte nas industrias das conservas e na da pesca.

— Mas, falou-se em compensações?

— Responderei: Não ha compensações de especie alguma, no estado de organização actual da industria das conservas, que a possam satisfazer. Oferecem-nos, de facto, redução e eliminação de direitos, que, a darem-se, não fariam senão pôr-nos em condições de igualdade com as industrias similares estrangeiras, que não têm direitos de exportação e até recebem premios de exportação. Mas, mesmo que algum beneficio aparente surgisse, como seria o ficarmos momentaneamente com o custo da mercadoria 1 ou 2 escudos mais barato que a do estrangeiro, não tardaria que as industrias dos outros países se organizassem e se defendessem de maneira a anular essa diferença. E, então, apenas ficaria subsistin-

(Vêr continação na 12.ª pagina)

LUIZA SATANELA e ESTEVÃO AMARANTE apresentam
na proxima SEXTA-FEIRA, 6 DE DEZEMBRO
no TEATRO AVENIDA — Tel. r. 5316
EM DUAS SESSÕES — A's 8 1|2 e 10 1|2 — A revista em dois actos
de XAVIER DE MAGALHAES, LOURENÇO RODRIGUES e CARVALHO MOURÃO, musica de ANGEL GOMEZ e FREDERICO DE FREITAS
O TREMOÇO SALOIO

VIDA ARTISTICA

A ACTRIZ Amelia Rey Colaço

e a sua companhia

vão fazer uma "tournée"

Recem-chegada do Brasil, após a mais triunfal das excursões, o desejo de Amelia Rey Colaço era reaparecer, logo, perante o seu querido publico de Lisboa. Não exagerariamos, se dissessemos que o interesse por semelhante reaparecimento não era menor da parte do publico.

Amelia Rey Colaço precisava repousar. Fôra enorme o esforço despendido ao serviço do teatro português além Atlantico, embora recompensado com as maiores ovações e as mais encomiasticas e carinhosas criticas. Depois, a

AMELIA REY COLAÇO

companhia Rey Colaço-Robles Monteiro não dispunha nem dispõe ainda de teatro, facto verdadeiramente lamentavel e quasi incompreensivel quando a sua jornada ao Brasil foi, qualquer que seja o aspecto por que a consideremos, um indiscutivel exito que merecia de quantos intervieram nela a mesma atenção, por constituir para todos um consolador estimulo, pelo menos.

Sem teatro, Amelia Rey Colaço não pôde reaparecer desde logo, infelizmente.

A provincia, porém, solicita-a com empenho e, enquanto se nos não oferece o grato ensejo de aplaudi-la, de novo, em Lisboa, outros voltarão a admirar a grande artista, que o é sem favor de ninguem, e os que compõem a sua homogénea e brilhante companhia.

A Amelia Rey Colaço, figura gentilissima de artista e de senhora, em que se irmanam os fulgores da mocidade, do talento e da cultura, invulgar entre as suas camaradas, não há apenas que louvar e agradecer algumas das mais belas criações teatrais dos ultimos tempos, como tambem a sua dedicação pelo teatro português, antigo e moderno, sendo ela ainda quem com mais vivo entusiasmo tem interpretado os nossos autores contemporaneos.

E' inolvidavel a sua reposição da «Castro», obra-prima do teatro classico; igualmente não esquecem mais as de «Os Velhos» e «Peraltas e Secias». Mas ignora, alguem que Amelia Rey Colaço foi e é a mais apaixonada e primorosa interprete de Julio Dantas, Ramada Curto, Carlos Selvagem, Vasco de Mendonça Alves, Samuel Maia, Alfredo Cortez, Francisco Lage, João Correia de Oliveira, Ricardo Durão, etc.? Os autores dramaticos portugueses sabem, sem duvida, quanto lhe devem.

O acolhimento que já duas vezes lhe dispensaram no Brasil e uma na Madeira e nos Açores excedeu, como se sabe, toda a espectativa, atingindo, pode dizer-se, a glorificação. Tudo merece Amelia Rey Colaço, pelos dotes peregrinos da sua arte e pelas excelsas qualidades do seu espirito. A sua reaparição, agora, na provincia, decerto particularmente festiva, vai ser como que o lindo prologo do seu novo contacto com as plateias de Lisboa, tão saudosas dela. A excursão começa amanhã por Santarem.

A companhia Rey Colaço-Robles Monteiro conserva os mesmos valiosos e disciplinados elementos que tanto têm contribuido para o seu prestigio.

CONDES
O barqueiro do Volga

A Cidade

TIVOLI
LOOPING THE LOOP

AS "PREMIÉRES"

A ESTREIA da comedia "Mamã" e a reaparição da actriz Palmira Bastos

Por vezes discute-se, á falta de assunto melhor, se os criticos devem ou não ocupar-se de teatro, fóra das suas funções. Devo dizer, sinceramente, que não vejo inconvenientes graves. Pelo contrario: uma peça traduzida por um critico representa sempre, entre o «mare-magnum» da produção dramatica, uma escolha acertada, quando não é uma obra prima. Confirma-se agora o meu assêrto, com a «Mamã», linda comedia do teatro francês, que Avelino de Almeida e o dr. Dias Costa, ajustaram á nossa lingua, com notavel propriedade.

Não vale a pena descrever a peça, roubando ao publico o melhor do seu encanto e uma surpresa constante, perturbante que, de scena para scena, se vai acentuando. «Mamã» é uma novela sentimental, casta e tranquila, feita sobre o capricho duma mulher a quem a mocidade, apesar dos anos, sorri em deliciosas travessuras, sem consequencia. A intriga é cristalina. O dialogo, espumante. As personagens, todas elas, simpaticas e de traços simples. Ha notas de alegria, de emoção, de lirismo, de desespero e de melancolia. «Mamã», sobre o teclado da alma humana, dir-se-ia uma sonata de amor, musicalmente perfeita, ainda que frivola. Só o final é um bocadinho «poussée», mas atinge o publico em pleno coração, enternecendo-o.

E vamos ao desempenho. Palmira Bastos apaga-se, por vezes, no teatro. Desaparece. Mas quando regressa ao palco, iluminando-o com o seu talento, não sabemos o que mais elogiar: se a sua mocidade fresca e capitosa, se a sua arte sincera, perfeita e eloquente.

Na sua mão, não ha papeis, ha figuras, que ela recorta, avulta, engrandece, com uma tal originalidade de costumes, que as linhas condensam-se em criações poderosas de vida, radiantes de beleza. Tem uma voz unica, instrumento musical, afinado por uma sensibilidade secreta, que traduz os mais limpidos e fugitivos acordes. Foi assim que ela ontem representou, alcançando um grande e merecido triunfo. Auzenda de Oliveira, muito brilhante, marcando com intenção a figura. Maria Helena, adoravel de ingenuidade e de mocidade. Gil Ferreira, foi sobrio e grave. Henrique de Albuquerque, teve relevo nalgumas scenas. Raul de Carvalho, num galã ingenuo, impoz-se. Pratas, fez uma caricatura. Antonio Palma e Octavio Bramão, galantearam com irresistivel denôdo. Interiores cuidados, por Luís Pereira, filho. O ultimo acto pareceu-nos vasio.—*A. P.*

Viajantes

Regressou de Espanha acompanhado de sua esposa, sr.ª D. Palmira Pimentel Maldonado Araujo de Padua Franco, o nosso querido amigo Jaime de Padua Franco, director da Sociedade Propaganda de Portugal, em Paris, que hoje seguiu para a sua casa na Praia da Rocha, Algarve.

O 1.º de Dezembro

A Direcção da Agencia de Lisboa da Liga dos Combatentes convoca os seus consocios a reunir amanhã, pelas 15 horas, na Avenida da Liberdade, a fim de passarem em continencia ao monumento dos herois da Restauração antes do desfile dos contingentes militares.

Leite puro dos estabulos de A. Lobo da Costa, em vasilhas selapas. Av. Republica, 37-D.—Tel. 2853-N.

CRIMES CONTRA A SAUDE PUBLICA

As sanções que vão ser aplicadas por lei aos mixordeiros e falsificadores de generos

Foi enviado para o *Diario do Govêrno* o decreto que regula as atribuições da Intendencia Geral de Segurança Publica, com respeito á repressão dos casos de falsificação de generos alimenticios e outros que se tornem nocivos para a saude publica, decreto que é do teor seguinte:

«Por efeito e por disposição do decreto n.º 17.596, de 11 de Novembro de 1929, que encerrou a Bolsa Agricola, foram cometidos á Intendencia Geral de Segurança Publica os serviços de fiscalização comercial dos produtos agricolas;

Tornando-se necessario regular as atribuições e a forma de proceder da mesma Intendencia, e em face da frequencia crescente de verdadeiros crimes na falsificação de generos alimenticios, adoptar processos que com pronta energia e salutar eficacia ponham termo a uma situação perigosa para a saude do povo e humilhante para a dignidade da Nação:

Usando da faculdade que me confere o n.º 2 do Art. 2.º do Decreto n.º 12.740, de 26 de Novembro de 1926, por força do disposto no Art. 1.º do Decreto n.º 15.331, de 9 de Abril de 1928:

Hei por bem, sob proposta dos ministros de todas as Repartições decretar, para valer como lei, o seguinte:

Artigo 1.º — A fiscalização comercial ou policial dos generos alimenticios será exercida exclusivamente, até á reorganização dos respectivos serviços, pela Intendencia Geral de Segurança Publica e seus agentes, com a assistencia técnica da Direcção Geral de Saude, da Direcção Geral dos Serviços Pecuarios e do Conselho de Administração da extinta Bolsa Agricola, e com observancia das leis, decretos e regulamentos em vigor á data da promulgação do Decreto n.º 17.596, de 11 de Novembro de 1929, com as alterações constantes do presente diploma.

Paragrafo 1.º — A fiscalização técnica das fabricas de adubos, das oficinas tecnologico-agricolas e a dos respectivos produtos, até á sua saida das mesmas fabricas ou oficinas e seus armazens, fica a cargo do Conselho de Administração da extinta Bolsa Agricola.

Paragrafo 2.º — Todos os produtos subsidiarios da agricultura, tais como adubos, correctivos, fungicidas, insecticidas e outros, ficam tambem sujeitos á fiscalização técnica a que se refere o paragrafo 1.º deste artigo, nos lugares do seu comercio ou venda.

Paragrafo 3.º — A fiscalização de sanidade incumbe ás Direcções Gerais de Saude e á dos Serviços Pecuarios, competindo a esta, especialmente, o disposto nos artigos 160.º a 226.º do Decreto de 22 de Julho de 1905.

Paragrafo 4.º — A Intendencia Geral de Segurança Publica requisitará as inspecções necessarias para o desempenho da sua acção fiscalizadora.

Paragrafo 5.º — A organização e instrução dos processos compete á Intendencia Geral de Segurança Publica ou seus agentes, devendo efectuar-se no prazo maximo de cinco dias.

Paragrafo 6.º — Quaisquer diligencias necessarias á instrução e julgamento dos processos sôbre fiscalização poderão ser feitas por meio de deprecada.

Art. 2.º — Dos produtos suspeitos de alteração serão colhidas amostras em quadruplicado, das quais uma ficará em poder do interessado, outra será remetida ao laboratorio competente, uma terceira será reservada para analise em caso de recurso e a quarta será enviada, com o respectivo auto, á Intendencia Geral de Segurança Publica, sôbre a qual fará recair analise, sempre que o julgue conveniente.

Paragrafo unico — Sempre que se verifique que o produto analizado está fora da lei, o arguido pagará a importancia da analize, segundo a tabela dos respectivos laboratorios.

Art. 3.º — As analizes de recurso serão requeridas no prazo de 24 horas, a contar da data da notificação do resultado da primeira analize, devendo aquela estar concluida no prazo de cinco dias.

Paragrafo 1.º — O pedido de recurso que será dirigido á Intendencia Geral de Segurança Publica não terá seguimento sem que o impetrante tenha depositado préviamente a importancia de mil escudos, que será restituida quando o recurso lhe fôr favoravel.

Paragrafo 2.º — A entidade das amostras destinadas a analize de recurso será estabelecida, sempre que se julgar conveniente com a presença do agente autuante.

Art. 4.º — Os delitos respeitantes aos produtos de que foram colhidas amostras, nos termos do artigo 2.º deste decreto, e considerados falsificados ou avariados e corruptos, armazenados, em transito, expostos á venda ou vendidos com conhecimento do vendedor, são punidos com a multa de dez vezes o valor corrente desse produto tido como normal, não podendo a importancia da mesma ser inferior a cinco mil escudos, independentemente de qualquer outra penalidade que pelo Codigo Penal ou por qualquer outro diploma especial lhes possa competir.

Paragrafo 1.º — Os responsaveis por delitos de falsificação ou corrupção reputados graves ficarão á disposição do Govêrno.

Paragrafo 2.º — Para os efeitos deste artigo os generos apreendidos serão sempre pesados ou medidos.

Art. 5.º — Os delitos respeitantes aos produtos avariados, armazenados, em transito, expostos á venda ou vendidos, ainda que com reservado desconhecimento, mas denotando incuria ou desleixo da parte do vendedor, serão punidos com a multa de 100$00 a 5.000$00, conforme a natureza e gravidade do delito.

Paragrafo unico — A declaração prévia da existencia de generos avariados, em deposito ou em transito, ilibа das penalidades prescritas no corpo dêste artigo; os generos ficam, porém, sujeitos á beneficiação, transformação ou inutilização nos termos da legislação vigente.

Art. 6.º — Na primeira reincidencia será a multa agravada para o dôbro da que anteriormente tenha sido aplicada, com a proibição da venda ambulante ou estabelecida, da armazenagem e do fabrico, com encerramento dos respectivos estabelecimentos pelo prazo de seis a dôze meses, que na segunda reincidencia se tornará definitivo.

Art. 7.º — Considera-se reincidencia para os efeitos da aplicação do disposto no artigo anterior a repetição do delito, embora ele se refira a produtos diferentes daquele que deu lugar á aplicação da primeira penalidade.

Art. 8.º — E' permitido o pagamento voluntario, no prazo de três dias contados da data da notificação, das multas impostas nos termos dos artigos 4.º, 5.º e 6.º deste diploma; em caso contrario serão cobradas coercivamente, como devidas á Fazenda Nacional, pelo competente Tribunal das Execuções Fiscais.

Art. 9.º — O produto das multas terá o seguinte destino: 75 0/0 constituirá receita do Estado e os 25 0/0 restantes para os autuantes, participantes ou descobridores.

Art. 10.º — A imposição das penalidades cominadas nos artigos 4.º, 5.º e 6.º dêste diploma é da competencia da Intendencia Geral de Segurança Publica.

Art. 11.º — O encerramento definitivo dos estabelecimentos, nos termos do artigo 6.º, determina a entrega imediata dos mesmos ao respectivo senhorio.

Art. 12.º — Da aplicação das penalidades descritas neste diploma cabe recurso, sem efeito suspensivo, para o ministerio do Interior, o qual será requerido e devidamente fundamentado no prazo de quarenta e oito horas.

Art. 13.º — Aos processos de corrupção e falsificação de generos alimenticios, pendentes á data da publicação dêste decreto, serão aplicadas as penalidades nele estabelecidas.

Art. 14.º — Este decreto, com força de lei, entra imediatamente em vigor e revoga a legislação em contrario.

* * *

A Liga Portuguesa dos Direitos do Homem aprovou, por unanimidade, na sua ultima sessão, um voto de louvor ao sr. coronel Mousinho de Albuquerque, pela maneira energica como tem reprimido os abusos dos manipuladores de pão, convencendo ao mesmo tempo os negociantes de viveres a retalho e por atacado a não aumentarem o preço dos generos.

DE LUTO

Carlos João Durães

Faleceu hoje, na Ordem Terceira de S. Francisco, o nosso amigo sr. Carlos João Durães, distinto guarda-livros da casa Monteiro Gomes L.da. Vitimou-o uma septisemia, tendo adoecido apenas ha 10 dias. O funeral realiza-se amanhã, saindo o prestito funebre pelas 11 horas, da igreja dos Martires.

A toda a familia enlutada e ao seu querido amigo João Joice os nossos sentidos pesames.

Pelos teatros

A opinião da critica

Nunca uma peça foi tão elogiada pela critica como «A primeira noite», que ha quinze dias leva ao Teatro do Gimnasio enchentes sucessivas. E' que Charles Méré, o dramaturgo francês preferido pelas mulheres, não se limita a mover os cordelinhos das personagens nem ao fragilismo do teatro á «frisson». Explora desassombradamente o «fait-divers» e a coincidencia á Rocambole. No entanto os sentimentos são humanos e as suas figuras falam uma linguagem directa, verdadeira, que impressiona e convence.

Sobre a interpretação soberba que lhe empresta a companhia Lucilia-Erico, fala hoje o abalisado critico teatral Avelino de Almeida:

«O conjunto demonstrou, no empenho de acertar, um estudo cuidadoso e uma boa vontade colectiva que honram o teatro e levam a fazer votos por que se não deserte mais de semelhante caminho. «A primeira noite» é a segunda peça, que na presente epoca, o Gimnasio póz em scena em auspiciosas condições.»

"O Tremoço Saloio"

Os artistas da companhia Satanela-Amarante que, na proxima sexta-feira, 6, vão interpretar, no teatro Avenida, a nova revista «O Tremoço Saloio», são:

Actrizes, Luísa Satanela, Josefina Silva, Maria Alvarez, Mario Pinto, Eugenia Coutinho, Maria Emilia, Berta Araujo, Hortense Rizzo, Hortense Martins; actores, Estevão Amarante, Antonio Silva, João Silva, José Azambuja, Salvador Costa, Julio Soares, Alfredo Pereira, Henrique de Oliveira, José Alves, Eugenio Salvador; bailarinos, Wiliora e Albert, e oito coristas-baitarinas, discipulas de Luísa Satanela, que nesta revista vai interpretar dez numeros, entre eles alguns bailados da sua autoria.

"Sixto Sexto"

Está definitivamente assente que a quarta peça desta epoca, posta em scena no Teatro Apolo, pela Companhia Adelina-Aura Abranches, seja a comedia-farça, «Sixto Sexto», que em toda a Espanha está obtendo um exito igual ao de Madrid. «Sixto Sexto», que é uma fabrica de gargalhadas, vai ser interpretada por todos os artistas da Companhia deste teatro, incluindo aquelas duas ilustres artistas, fazendo o grande actor Leopoldo Froes, o primeiro personagem masculino, que dá o titulo á peça.

Manuel Benjamin

Faz hoje 79 anos o glorioso maestro Manuel Benjamim, a quem se devem algumas das mais belas paginas da musica portuguesa. Manuel Benjamim, apesar da sua idade avançada, conserva ainda a sua mocidade de espirito, recordando com subtil espirito a sua vida de gloria, de arte e de amor. Manuel Benjamim não tem fortuna. Vive pobremente, mas vive com honra, suportando as crudelidades da existencia.

A Manuel Benjamim, aos seus 79 anos, um abraço de homenagem e admiração!

Alrás do reposteiro

A peça «A Boneca e os Fantoches», que a Companhia Amelia Rey Colaço-Robles Monteiro vai ensaiar, é original do dramaturgo Ramada Curto.

— Hoje trabalha em Beja a Companhia Portuguesa de Comedia Musicada, de que faz parte Cremilda de Oliveira, no Pax Julia; e no Teatro Circo, de Braga, a Companhia Chaby Pinheiro, que amanhã se estreia em Ponte de Lima.

— A fim de conseguir colocação para a Companhia Stichini-Santos, regressou do Porto o actor Mario Santos, director deste agrupamento, vindo das ilhas recentemente.

— Fez ontem anos o actor Armando Machado, do Teatro da Trindade.

— Na peça «As manas do chapeu verde», tradução de Fernanda de Castro, em ensaios no Teatro do Gimnasio, a ingenua — papel de grande observação e estudo — é desempenhada pela actriz Adelina Campos.

A peça «Rosa de Outono», no Apolo, realiza amanhã o seu ultimo domingo neste teatro.

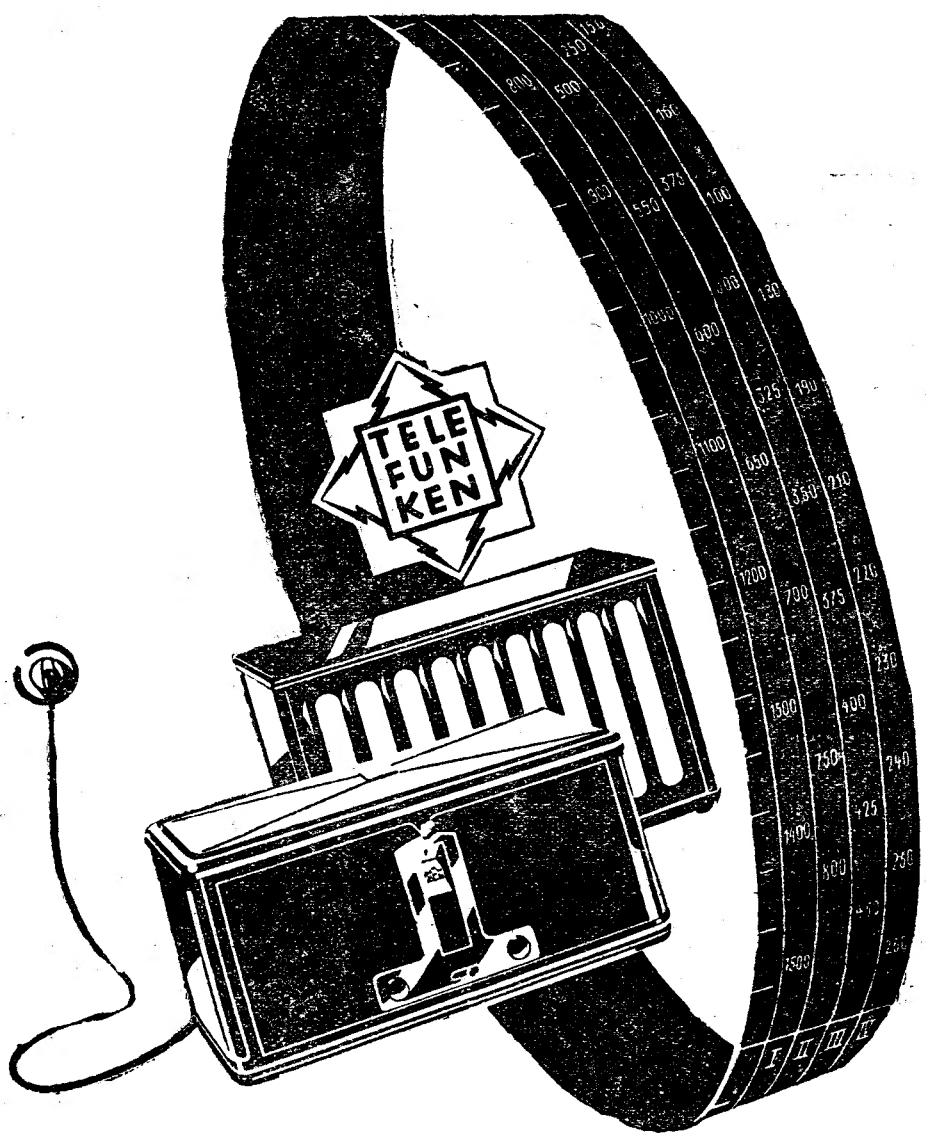
— Um dos numeros de maior exito da revista «Sol de Portugal», em scena no Variedades, bisado todas as noites, é «Pesca de Cascais» e «Manteiga de Sintra», cantado pelo baritono Alberto Reis e pela actriz Maria Laura.

— E' na proxima quarta-feira que o Coliseu dos Recreios reabre as suas portas ao publico, com uma grande companhia de circo de que fazem parte as maiores novidades e atracções até hoje conhecidas.

O Principe Estudante
com
RAMON NOVARRO
no São Luiz

AEG

T. S. F.



VISITEM O

NOSSO

STAND

NA PROXIMA
EXPOSIÇÃO DE

T. S. F.

NO SALÃO DE
BELAS ARTES

Sociedade Lusitana de Electricidade A. E. G.

LISBOA -- Rua dos Fanqueiros, 12-16

PORTO -- Rua Sá da Bandeira, 209-215

Vias urinarias, Impurezas do sangue, Debilidade nervosa

Basta de sofrer inutilmente destas enfermidades, graças ao maravilhoso descobrimento dos

Medicamentos do dr. Soivré

Vias urinarias — Todas as doenças das vias urinarias por cronicas e rebeldes que sejam curam-se pronta e radicalmente com os ***Cachets do Dr. Soivre.*** Os doentes curam-se por si, sem injecções, lavagens e aplicação de sondas ou velas, etc., tão perigosas sempre e ninguem se inteirará da sua enfermidade. Caixa 35$00.

Impurezas de sangue — ***S tins*** (avarioses), eczemas, herpes, ulceras, varicosas, chagas das pernas), erupçoes escrufulosas, eritemas, acne, urticaria, etc., enfermidades que têm por causa os humores, vicios ou infecções do sangue, por cronicas e rebeldes que sejam, curam-se pronta e radicalmente com as ***Pilulas Depurativas do Dr. Soivré,*** que são o medicamento depurativo, ideal e perfeito porque actuam regenerando o sangue, renovando-o, aumentam todas as energias, do organismo, fomentam a saude, resolvendo em breve tempo todas as ulceras, chagas, grãos, furunculos, supuração das mucosas, queda do cabelo, inflamações em geral, etc., tornando-se a pele limpa e regenerada e o cabelo brilhante, e copioso não deixando no organismo restos do passado. Frasco 35$00.

Debilidade nervosa — Cansaço mental, perda de memoria, dôr de cabeça, vertigens, debilidade muscular, fadiga corporal, tremores, palpitações, transtornos nervosos da mulher e todas as manifestações da NEURASTENIA ou esgotamento nervoso por cronicas e rebeldes que sejam curam-se pronta e radicalmente com as CRAGEAS POTENCIAIS do ***dr. Soivré.*** São mais do que um medicamento, são um alimento essencial do cerebro, medula e de todo o sistema nervoso, indicadas especialmente aos esgotados na juventude, por todas as classes de excessos (velhos sem anos), para recuperar integralmente todas as suas funções e conservar até a extrema velhice o vigor sexual proprio da idade. Frasco 35$00.

Nota: Os medicamentos do ***Dr. Soivré*** são recomendados indistintamente por todos os medicos que os conhecem e merecem a absoluta confiança de todos os enfermos que os têm usado por constituirem o tratamento mais scientifico e pratico que se conhece, e sobretudo o mais economico pelos seus rapidos e satisfatorios resultados.

A' venda nas farmacias:

LISBOA:—Teixeira Lopes Azevedo, Estacio, Azevedo, Filhos; Drogaria Quintans, Drogaria Pires Tavares, Drogaria Alvarez & C.ª. PORTO: Central, Estacio Birra, Figueiredo, Pombeiro, Moreno, Almeida Cunha, Sousa Soares, Drogaria Lourenço Ferreira Dias, Lemos & Filhos. BRAGA: Instituto Galenico Português. BEJA: Bravo Farinha. FARO: J. Bandeira Ltd. VISEU: J. Mouro. COIMBRA: Pomba & Guerra. LOURENÇO MARQUES: Farmacia Neves.

DEPOSITO GERAL---J. C. Guimarães & C.ª, Limitada

RUA DO ALMADA, 91, 2.º—PORTO

O Deposito Geral envia a todas as pessoas que os pedirem, os folhetos explicativos, sempre que lhe remetam a importancia de uma estampilha de carta.

Cada medicamento 35$00--A' venda nas principais farmacias

POLICLINICA DA RUA DO OURO

Entrada: Rua do Carmo, 2.º 98,
Telefone N. 5353

Medicina, coração e pulmões—***Dr. Armando Narciso***—5 h.
Cirurgia geral, operações—***Dr. Bernardo V***—4 h.
Rins, vias urinarias—***Dr. Miguel Magalhães***—10 h.
Pele e sifilis—***Dr. Correia de Figueiredo***—12 e 5 h.
Doenças nervosas, electroterapia—***Dr. R. L c***—2 h.
Doenças dos olhos—***Dr. Mario de Mattos***—2 h.
Garganta, nariz e ouvidos—***Dr. Mario Oliveira***—12 h.
Estomago e intestinos—***Dr. Mendes Leite***—3 h.
Utero e anexos e operações — ***Dr. Casimiro Afonso***—as 2 h.
Doenças da nutrição—***Dr. A. de Carvalho-Dias***—4 horas.
Doenças das crianças—***Dr. Filipe Manso***—12 h
Boca e dentes—***Dr. Armando Lima***—10 h.
Raios X—***Dr. Aleu Saldanha***—4 h.
Analises clinicas—***D. Gabriela Besta*** 4 h.

Sumauma Nacional

A 4$00 O KILO

— Estrangeiras ao melhor preço —

COLCHOARIA CENTRAL

128—RUA DOS FANQUEIROS—130

TELEFONE C. 1161

Policlinica Popular

Rua Morais Soares, 114
Telef. 5460 Norte

ASMA—BRONQUITES—Dr. Tedeschi Neves, 10 e meia h.
CIRURGIA, OPERAÇÕES, Dr. Abel da Cunha, 15 h.
CORAÇÃO e PULMÕES—CLIMAS TROPICAIS—Dr. Carlos Lebre, 16 h.
DENTES, BOCA, PROTESE—Dr. Juvenal Paiva, das 10 ás 12 h.
DOENÇAS DAS CRIANÇAS—Dr. Gabor Patkoczy, ás 14 h.
DOENÇAS DAS SENHORAS—Dr.ª Isabel Pereira, ás 17 ½ h.
ESTOMAGO, INTESTINOS e FIGADO—MEDICINA GERAL—Dr. Eduardo Neves, 11 ½ h.
GARGANTA, NARIS e OUVIDOS— Dr. Gomes Coelho, ás 10 ½ h.
OLHOS—Dr. Sousa Aguiar, ás 14 ½ h.
PELE e SIFILIS—Dr. J. Maciel Chaves, ás 15,30 horas.
RAIOS X—Dr. Aleu Saldanha—Análise clinicas e vacinas.

POLICLINICA DO INTENDENTE

Avenida Almirante Reis, 27, 2.º—Telefone 2989 N.

Dr. Abel Alves —Ouvidos, nariz e garganta, ás 13 horas.
Dr. Almeida Dias—Doenças nervosas. Electroterapia, ás 14 horas.
Dr. Anastacio Gonçalves—Doenças dos olhos, ás 15 horas.
Dr. Antonio Martins — Cirurgia geral. Operações, ás 17 horas.
Dr. Armando Luzes—Rins e vias urinarias, ás 13 horas.
Dr. Artur Pacheco — Doenças da pele, ás 14 horas.
Dr. Bénard Guedes—Raios X, ás 16 horas.
Dr. Carlos Fraaique — Doenças das creanças, ás 15 horas.
Dr. Fernando Fonseca — Medicina Geral e sifilis ás 15 horas.
Dr. Formigal Luzes—Mecanoterápia, maçagem, banhos de luz diatermia, etc., ás 13 horas.
Dr. Marcelino Martins — Doenças da boca e dos dentes, ás 10 horas.
Dr. Mario Rosa—Clinica geral, estomago e intestinos, ás 14 horas.
Dr. Pereira da Silva — Analises clinicas — Vacinas, ás 14 horas.
Dr. Vasco de Lacerda—Clinica médica, coração e pulmões, ás 15 horas.
Dr. D. Pedro da Cunha— Partos. Doenças das senhoras, ás 15,30.

PREDIOS

Compramos e vendemos

Companhia Alentejana

Rua dos Fanqueiros, 207, 1.º

Telefone T. 1127

NOVIDADES LITERARIAS

Do livro «Scenas da vida» de Brito Camacho

TRANSCREVE-SE
parte do conto "A Ritinha"

O dr. Brito Camacho, o apreciado conversador e ironista das "tertulias" intelectuais dos cafés do Chiado, cultiva as letras com a mesma facilidade, o mesmo espirito e a mesma elegancia com que cultiva a "blague". Os seus livros lêem-se com o mesmo agrado com que se ouvem os seus ditos de espirito.

Este que temos em cima da nossa mesa de trabalho, "Scenas da Vida", e do qual transcrevemos hoje um interessante capitulo, vem confirmar os creditos de escritor que ha muito tempo colocaram o ilustre homem publico no rol dos maiores prosadores contemporaneos da lingua portuguesa.

Como bom discipulo de Epicuro, o dr. Brito Camacho vai cultivando o seu jardim, sem deixar de se interessar pelos altos problemas de cultura que preocupam os espiritos de eleição.

A sua prosa é ordenada, elegante e simples, como convém aos assuntos que a sua pena trata de preferencia,—com tão bom humor e com um sentido tão nacionalista das coisas portuguesas, que algumas das suas paginas hão-de ser apontadas como modelos de classicismo puro, quando se fizer a Historia da Literatura Contemporanea em Portugal.

Mais alta do que baixa, tipo de *fausse maigre*, o cabelo negro, os olhos castanhos, sobrancelhas fartas, labios carnudos, a Ritinha, como lhe chamavam na visinhança, não passava despercebida na rua, prendendo á elegancia dos seus movimentos sem afectação a cobiça de todos os homens, novos e velhos.

Fôra creada com grande recato; mas aos quinze anos perdera a mãe, e aos dezoito o pai, oficial de carpinteiro, meteu em casa uma saloia de má vida, indo ela pedir agasalho a uma tia, que trabalhava de costureira, amancebada com um môço de café.

Não lhe faltava geito para a costura; mas faltava-lhe a vontade de aprender, e á tia, sem encargo de filhos, não sobejava a vontade de ensinar. Depressa se convenceu de que teria de procurar modo de vida, fosse ele qual fosse, contanto que não vivesse ás tenças de ninguem, alojada e alimentada por favor, sujeita a vêr-se dum instante para outro a vadiar nas ruas, nas condições da outra:

> Como sou mulher perdida
> Ando a vêr se alguem me encontra.

Uma tarde, no Jardim da Estrela, encontrou uma condiscipula, moça da sua idade, talvez um pouco mais velhinha, não sendo a diferença de palmo. Havia muito que se não viam, nem sequer tendo noticias uma da outra por qualquer amiga comum.

—Que tens feito?... Crescente sem licença de Deus, estás uma perfeita mulher!...

Em breves palavras, breves e comovidas, pôl-a ao facto da sua melindrosa situação, arriscada ao ver-se duma hora para outra sem pão e sem agasalho, já mal podendo suportar as impertinencias da tia, constantemente a esfregar-lhe a cara com a esmola de a ter em casa pelo quasi nada que ganhava.

—Já me lembrei de ir para o Brasil, porque me dizem que lá, qualquer pessoa que seja amiga de trabalhar, tendo quem a recomende, farta-se de ganhar dinheiro. E tu, o que tens feito? Aposto que já casaste...

—E ganhavas a aposta. Empreguei-me no Hospital de S. José, como praticante, e ao cabo de seis meses casei com um ajudante de enfermeiro, que me tem em grande estimação. Considero-me feliz, porque nada falta na minha casa, e ele adivinha-me as vontades, para m'as satisfazer, sem que lhe peça seja o que fôr.

—E's feliz, e merecias sê-lo, porque foste sempre uma excelente rapariga.

—Sim, não podia ser mais feliz do que sou, e espero em Deus que esta felicidade me acompanhe até ao fim da vida. Has-de vir jantar comnosco, um dia, para te apresentar o meu marido. Mas o que é preciso, sem perda de tempo, é tratar da tua situação, não vá a desalmada da tua tia romper num excesso, pondo-te na rua. Porque não has-de fazer concurso para ajudante de enfermeira?

Era uma saída, e não lhe seria dificil vencer o concurso, porque fizera belamente o seu exame de instrução primaria, tinha optima caligrafia, arranhava o francês e tinha luzes de escrituração comercial. Muito amiga de lêr, devorava folhetins e romances, e essa leitura instrui-a, que mais não fosse polindo-lhe a linguagem.

Dizia a tia, quasi analfabeta:

—Se gostasse das agulhas como gosta dos livros, havia de ser uma grande costureira.

Arranjou os papeis, e sem empenhos, porque não tinha quem se empenhasse por ela, apresentou-se a exame, obtendo a mais alta classificação.

Por acaso, mandaram-na fazer serviço para uma enfermaria escolar, e quiz a sua boa sorte que a enfermeira engraçasse com ela, tratando-a de tal maneira, com tanto carinho e tais atenções, que as colegas se convenceram de que fôra para ali muito bem recomendada, protegida de Senhora... ou Cavalheiro ocupando elevada posição.

Todos os estudantes a requestavam, mas ela, conversando e rindo com todos, não animava as pretenções de nenhum, contendo a audacia dos mais atrevidos nos limites dum forçado respeito.

Todas as doentes gostavam da Ritinha, porque a todas ela dispensava solicitos cuidados, para todas, sem nenhuma preferencia, tinha boas palavras e boas maneiras, acudindo prontamente ás que a chamavam, sempre deligente durante o dia, sempre desperta durante a noite, jámais surpreendida pela ronda a cabecear de sono.

Raramente saía quando estava de folga, alegando que não tinha parentes ou amigas que a visitasse, e não a divertia sirandar pela cidade, menos para ver que para ver que para ser vista, que para isso, e quasi só para isso, se empapoilam as raparigas, as que têm ou procuram namoro, as que, sendo casadoiras, no que pensam é em casar. Nunca se escusava a substituir uma colega, sacrificando-lhe a sua folga, e por isso todas a estimavam, tanto mais que ela lhes não fazia concorrencia aos derriços, tratando com o mesmo desdem, a mesma delicada indiferença os estudantes, os medicos e os enfermeiros.

Dizia a Enfermeira, encarecendo o preceito, a compostura da Ritinha, que a todas apontava como exemplo:

— Nem parece rapariga deste tempo.

Muito ao contrario do que poderia supor-se, aquela vida de Hospital, aquela profissão de enfermeira, não quadrava ao seu feitio, repugnava ao seu temperamento, feria dolorosamente a sua sensibilidade. Faziam-lhe muito dó os que sofriam, mas sentia que não viera ao mundo para ser irmã de caridade, toda a vida sacrificada ao bem alheio, deixando apagar-se na sombra algida duma renuncia voluntaria toda a frescura da sua mocidade, condenada a jámais fruir as venturas dum amor partilhado, na paz honesta de um lar.

Por acaso ou de proposito, um estudante deixou na enfermaria, em cima da mesa em que se fazia o receituario, um livro traduzido do francês, com o titulo —*Irmã Filomena*, dos manos Goncourt. Poz-se a lê-lo com muito interesse, só deixando de o ler com as interrupções que o serviço lhe impunha... quando chegou á ultima pagina.

Almiravel, extraordinaria mulher; mas para a imitar faltava-lhe uma forte crença religiosa, a fé que transporta montanhas e faz desaparecer no misticismo divino o amor verdadeiramente humano, capaz das mais santas dedicações e susceptivel das mais sacrilegas revoltas.

Deu-lhe vontade de fugir, abandonar o Hospital, procurando fóra dali um Barnier que a amasse e a possuisse, um homem que fosse digno do seu amor e pudesse realizar os seus pequenos sonhos ambiciosos.

Um dia a Ritinha, pretextando negocios de familia, pediu uma licença e ausentou-se do Hospital. Despediu-se de todas as doentes, uma por uma, e reconheceu, com satisfação e com orgulho, que todas se lamentavam de a ver partir, as mais sensiveis, naturalmente as mais reconhecidas, debulhando-se em lagrimas.

—Não se esqueça de nós, menina Rita Em podendo, venha-nos ver.

Soube-se depois que estava vivendo com um medico, director da Enfermaria em que fizera serviço, nos mesês de ferias, homem já de certa idade, bom clinico e boa pessoa, sendo voz corrente que tinha o seu vintem, ganho a tratar doentes e a jogar em papeis de credito.

Era feliz a Ritinha, tanto mais que o doutor já lhe prometera casar com ela, sabendo muito bem o que lhe devia e querendo prende-la a si por fortes laços —os rijos laços matrimoniais.

Morreu-lhe o pai num desastre de caminho de ferro e a tia, arrastada pelo amante, embarcou um dia para a Guiné, onde morreu de febres.

Não podia dizer que era filha das aguas turvas, neta das aguas correntes; mas via-se inteiramente só, sem um vago parente que aos outros desse a certeza de que não viera ao mundo por geração espontanea.

Tinha muita confiança nas promessas do seu doutor; mas assaltava-a algumas vezes o receio dele a abandonar, não por amor, mas por dinheiro, e gelava-se-lhe o sangue nas veias só de pensar que ele poderia morrer antes de a tornar sua esposa. Já não se afaria á vida do Hospital, e tinha por seguro que voltando a ser enfermeira, depois ao passo que dera, haviam de respeita-la menos e não a estimariam como dantes a estimavam.

Um dia cai de cama o doutor, grassava a pneumonica na cidade. O primeiro colega que o viu declarou que o caso era grave, e numa conferencia que lhe fizeram, ao quarto dia de doença, sem divergencia dum voto, assentou-se em que o mal era de morte.

—Assim que melhorar, casamos.

Pelo sim, pelo não, foi-lhe entregando todos os valores que possuia, titulos ao portador, e a muito custo fez uma declaração, devidamente autenticada, de que tudo quanto havia na casa, tirando a sua pequena livraria e os objectos do seu uso pessoal, tudo era dela. A casa, um bom predio com rez-do-chão e primeiro andar, estava em nome dela havia muito tempo.

Já com a morte na garganta, rigorosamente in extremis, mostrou desejos de a receber; mas o oficial do registo civil, chamado a toda a pressa, declarou que o não casaria sem que dois medicos atestassem, sob sua responsabilidade, estar ele nas condições da lei.

Quando os medicos chegaram, não se tendo feito esperar, já ele ia metido á viagem de que se não torna.

Era uma viuvez burlesca, a da pobre Ritinha, mal a consolando o facto de herdar a pequena fortuna do *marido*, que ela não sabia estimar no seu justo valor.

Papeis!

Duma hora para a outra poliam valer o dôbro ou não valer coisa nenhuma, e contudo eles eram, além da casa, tudo o que ela tinha para viver, a garantia do seu futuro, sem trabalho e sem privações.

Por indicação duma pessoa amiga, dirigiu-se a um corretor, a inquirir do valor dos seus titulos naquela casa de tavolagem que se chama a Bolsa. Soube que eles estavam cotados muito por baixo, sendo-lhe aconselhado vende-los, porque a tendencia era para continuarem a descer, podendo dar-se o caso de chegarem ao limite dos valores positivos, ao zero.

Um horror!

O que agora tinha não lhe chegaria para um viver modesto, se não morresse cedo, e aqui se via a pobre Ritinha novamente em frente do problema da vida, obrigada a resolve-lo antes que a miseria lhe batesse á porta.

Foi então que travou relações, numa casa amiga, uma noite, com o sr. Tomé dos Anjos, que enriquecera no Brasil, solteirão incorrigivel, sem herdeiros forçados, segundo a lei, sem parentes mais ou menos proximos a quem legasse o que amealhara em quarenta anos de trabalho honrado, como se diz em giria de comercio.

O sr. Tomé condoeu-se muito da pobre *viuva*, informado da sua triste historia, e respeitosamente lhe pediu licença para a visitar, certo de que poderia arranjar colocação vantajosa e segura para o modesto capital que realizara vendendo ós titulos de cotação avariada que lhe entregara o *marido*.

O caso foi que passadas algumas semanas o sr. Tomé dos Anjos era a visita mais assidua da Ritinha, e como se esquecesse, algumas vezes, a conversar com ela, de consultar o relogio, para não se aventurar, de noite, fora de horas, pelas ruas desertas da cidade, lá ficava até ao outro dia, em geral não saindo senão depois do almoço.

Um dia, a compor-lhe o nó da gravata, estendendo os beiços numa momice cariciosa, a fazer-se pequenina para que ele a erguesse nos braços, ao mesmo tempo acanhada e resoluta, a Ritinha disse ao Tomé:

—Porque não casas comigo? Bem sabes que só não estou viuva pela maior das fatalidades.

O sr. Tomé concordava, mas com a rude franqueza de que sempre usava em todos os actos da sua vida, falava-lhe por forma a não lhe alimentar esperanças vãs, disposto como estava, a não pôr no cachaço a canga do matrimonio.

—Não, minha filha. Não casei quando devia casar; agora é tarde para fazer um negocio de tanta monta. Se isto te contraria, és livre, e eu não quero que por minha causa deixes de procurar a felicidade onde te parece que podes encontra-la. Gostava de ter um filho para ter um herdeiro; mas não irei busca-lo ao registo civil, por muito que me custe não o ter.

—Se eu tivesse um filho eras capaz de dizer que não era teu...

—Se ele se parecesse comigo, o que se costuma dizer—é o retrato do pai,—talvez o considerasse meu, e nesse caso para ele seria a minha fortuna.

—Talvez o considerasse meu!... Bem sabes que nem sempre os filhos se parecem os pais...

—Bem sei; mas o meu havia de parecer-se comigo, e ainda assim havia de ter minhas duvidas. Eu bem sei o que me disseram os medicos, no Rio...

DR. MIGUEL DE MAGALHAES
Monitor da clinica de Necker — Paris
RINS e vias urinarias—Venereologia e sifilis.—T. N. de S. Domingos, 9, 1.º ás 15 horas—Telefone 5205 N.

Dr. Armando Narciso
Retomou a clinica
P. dos Restauradores, 48, 1.º
Telef. 5756 N.

CARTAZ

TEATROS

Trindade—A's 20,30 e 22,30—«Chá de Parreira».
Ginasio—A's 21,30—«A primeira noite».
Politeama—A's 21,30—«Mamã».
Apolo—As 21,30—Rosa de Outono».
Variedades—A's 20,30 e 22,30—«Sol de Portugal».

ANIMATOGRAFOS

São Luiz Cine—A's 21.
Odeon—A's 21.
Olimpia—Das 14,30 ás 0,30.
Cinema Condes—A's 21.
Tivoli—A's 21.
Central Cinema—A's 21.
Salão Ideal—A's 20,30.
Max Cine, Rua Barão de Sabrosa (ao Alto do Pina).—A's 20,30.
Cine Belgica, R. da Beneficencia, 175 (ao Rego).—Sabados, domingos e quartas.

Dancing's

Maxim's—Baile e Variedades.

TEATRO DA TRINDADE
Companhia Hortense Luz — Tel. T. 976
Hoje—A's 20,30 e 22,30
CHA DE PARREIRA
Bailados de **Francis** e o novo quadro **Maquinas Falantes**

TEATRO APOLO
HOJE—A's 9,30 horas
Companhia ADELINA-JULIA ABRANCHES
O mais belo e espectaculo de Lisboa
ROSA DE OUTONO
JULIA ABRANCHES e LEOPOLDO FROIS
nas duas [illegible] criações da actualidade.

TEATRO POLITEAMA
HOJE — **A's 9,30**
2.ª representação da comedia
MAMÃ
Notavel criação artistica de
PALMIRA BASTOS

Tribunal do Comercio

Concurso para adjudicação de anuncios

Nos termos do artigo 360.º do Codigo do Processo Comercial, é declara aberto concurso para adjudicação das publicações que hajam de ter logar em processos de falencia e concordata durante o ano de 1930.

As propostas serão feitas em carta fechada, entregues na Secretaria da 1.ª Vara do Tribunal, até ás 13 horas do dia 13 de Dezembro proximo, sendo nêsse dia abertas e lidas em audiencia e seguidamente submetidas á decisão do Tribunal, que escolherá a proposta que fôr maiss vantajosa, atentas a economia e reconhecidas vantagens déla e a tiragem e circulação do periodico.

Lisboa, 28 de Novembro de 1929.

O Chefe da Secretaria da 1.ª Vara,
Daniel de Matos.

Verifiquei.
O Juiz Presidente,
Vasco Borges.

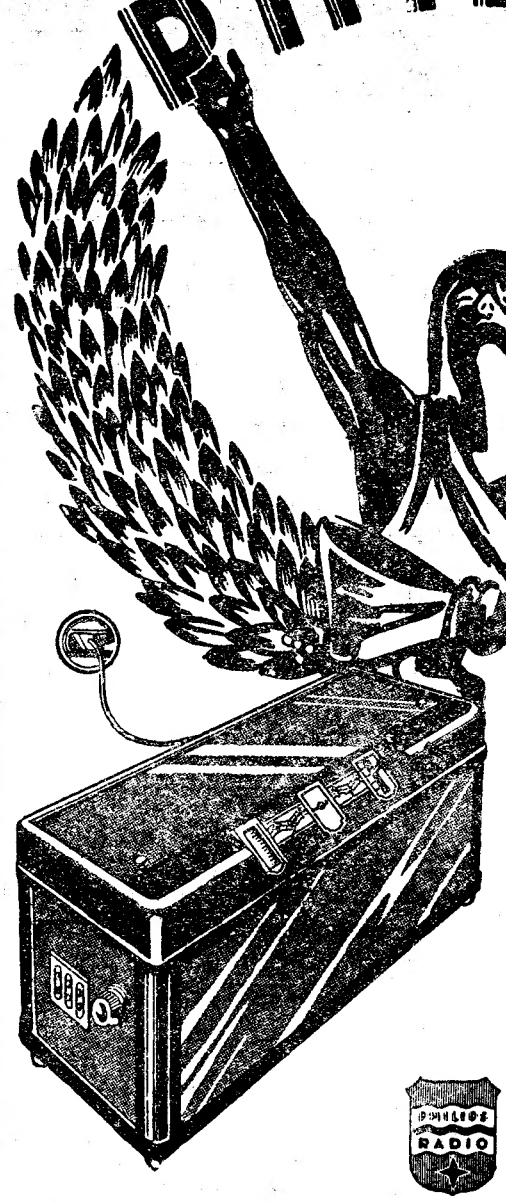
PIANOS
e
Autopianos
Rolos
Musicas

Gramofones — Discos
CASA OLIVEIRA — Rocio. 56. 57. 58

Carlos João Durães

João Joyce, particular amigo de Carlos João Durães, participa a todas as pessoas das suas relações que o funeral do seu querido companheiro se realiza amanhã, pelas 11 horas, da Igreja dos Martires para o Cemiterio da Ajuda.

PHILIPS



VISITE HOJE

NO SALÃO DA SOC. BELAS ARTES O
STAND PHILIPS
ADMIRE NA SUA VISITA O ESPLENDIDO
POSTO RECEPTOR Tipo 2511
"O VENCEDOR"
CLASSIFICADO
o melhor receptor de quatro lampadas
no Concurso entre todos os receptores da Exposição de Radio, no Olympia, de Londres, realizado por iniciativa do conhecido periodico londrino "The Wireless World".

Peça uma demonstração em sua casa, sem compromisso nem encargos, ás casas da especialidade ou ao

PHILIPS RADIO SERVICE
Rua da Betesga, 57 — LISBOA
Rua da Paz, 32 — PORTO

MOBILIAS
Não comprem sem vêr a grande existencia e os preços do fabricante que tambem as executa por encommenda em todos os generos — SEMPRE MODELOS NOVOS
Antiga Marcenaria do Desterro
— RUA DO DESTERRO, 17 a 29 —

VINHO NUTRITIVO DE CARNE
O melhor e o mais recomendado pela Medicina, como tonico reconstituinte, levanta as forças, dá robustez, e é empregado com exito por todos os convalescentes
A' venda em todas as Farmacias e Drogarias
DEPOSITO GERAL: **FARMACIA FRANCO, FILHOS**
R. de Belem, 18 a 22—LISBOA

Fava para Semente
Seleccionada, larga e meã. Vendemos qualquer quantidade. Tulio Rita Ferro, Surs.
Rua de S. Julião, 168, 3.º — LISBOA

MOSAICOS
A maior producção de Portugal — Os de melhor fabrico
GOARMON & C.ª
A maior fabrica do país—Escritorio: Travessa do Corpo Santo, 17, 19 e 21. Rua do Corpo Santo, 32—LISBOA. — Azulejos Cimentos — Louças Sanitárias.
OUTROS MATERIAIS DE CONSTRUCÇÃO
Pedir catalogos e preços
Telefone C. 1244

Quer a sorte grande? fabilite-se na tabacaria MADRID
Rua do Mundo, 115

ACABA DE SAIR
O 2.º numero do
"Portugal Ilustrado"
edição da Revista «Terras de Portugal»
Depositarios
Aillaud & Bertrand
Rua Garrett — LISBOA

ESTRANGEIRO

MADAME
Deseja uma ondulação permanente executada com fino gosto e arte?
Dirija-se ao GOLDEN PALACE
que em preço não tem concorrencia
Praça dos Restauradores, 11
Tel. Trindade 3115

O QUE VAI LA' POR FORA

Poeira do Mundo

Do Brasil

RIO DE JANEIRO, 29

Foi imponente o funeral do dr. Caetano Pinto de Miranda Montenegro, decano dos magistrados brasileiros. O extinto, que foi durante muitos anos presidente da Côrte de Apelação do Rio de Janeiro, da qual era actualmente vice-presidente, por antiguidade, descendia duma nobre familia portuguesa. Seu avô, o capitão-mór Caetano Pinto Montenegro, foi governador de Pernambuco, em 1817. Era tio de Pedro Franklin de Almeida Lima, secretario da Embaixada do Brasil em Lisboa.

O falecido juiz era consideradissimo. Exerceu a magistratura durante mais de 50 anos. Ha dois anos, por ocasião do seu jubileu, foi inaugurado, no novo edificio do Forum, o seu retrato, oferecido pelos advogados da capital. Era o unico magistrado da justiça local que tinha o retrato na sala das audiencias. Foi autor de varias reformas judiciais e do projecto do Codigo Civil do Distrito Federal. — (A.)

O *Diario de Lisboa* apresenta ao sr. Franklin de Almeida Lima sentidas condolencias.

As chuvas em Londres

LONDRES, 30

As aguas do alto Tamisa atingem actualmente o estado de cheia, e no baixo Tamisa o rio sóbe firmemente, tendo-se elevado, nas ultimas 48 horas, de 16 polegadas, nas proximidades de Windsor.

Vastas areas das planicies estão cobertas pela agua, que igualmente alaga uma grande parte do sueste da Inglaterra.

Londres tem sofrido muito menos que os outros pontos do país, e a chuva registada durante o mês de Novembro elevou-se a 5 polegadas, quando normalmente não passa de 2,2, em identicos meses dos anos anteriores. — (L.)

O conflito sino-russo

PEQUIM, 30

As tropas chinesas da fronteira da Mandchuria continuam em completa retirada, avançando as forças bolchevistas sem combate.

As perdas sofridas pelos chineses são simplesmente devidas aos bombardeamentos aereos, especialmente em Hagan, onde as esquadrilhas sovieticas bombardearam os comboios militares, retirando as tropas desmoralisadas sobre Kharbine, pilhando tudo na sua passagem. O corpo consular de Kharbin interveiu já, a fim de conseguir o desvio dos fugitivos para a linha ferrea de Toanan.—(L.)

ESTUDANTES
Fardamentos e trincheiras mais barato
Alfaiataria Soares
R. da Prata, 156

VIAS URINARIAS Tratamento rapido, eficaz e duravel da Cystite, Prostatite, e de todas as afecções das vias urinarias, pelo "Biennogol Gibert" em cachets é em glutines perfeitamente assimilaveis e de nenhum efeito nocivo sôbre os rins, prostata e bexiga. Deposito — Farmacia Internacional, R. do Ouro, 228.

MONTEPIO GERAL
Associação de Socorros Mutuos
Fundada em 1840
Emprestimos hipotecarios urbanos e rusticos
A Direcção faz publico que foi elevada a percentagem dos emprestimos sobre propriedades urbanas até 50 0|0, e sobre propriedades rusticas até 40 0|0, da sua avaliação.
Lisboa, 30 de Novembro de 1929.
O Secretario da Direcção
(a) *Ricardo Amaral*

NA REPUBLICA DE CUBA

A Havana

SEDE

do Instituto de Direito Internacional

O dr. Luís Anderson é um ilustre internacionalista centro-americano que tem honrado a sua Patria em numerosos congressos e conferencias. Nos problemas internacionais tem o dr. Anderson sido um dos mais brilhantes e esforçados paladinos da Justiça e do Direito.

Caracter firme, mentalidade robusta e verbo calido, o dr. Anderson tem-se distinguido pela sua atitude galharda, decorosa e sem que no seu belo passado de internacionalista se registe a mais leve sombra.

O dr. Anderson, que tem sido ainda uma sentinela sempre álerta da soberania continental, foi recentemente entrevistado pelo belo diario cubano «Excelsior» de que é prestigioso colaborador o actual ministro de Cuba, em Lisboa, o heroico general D. Henrique Loynaz del Castillo, e da referida entrevista traduzimos algumas notaveis afirmações do eminente internacionalista:

«—Considero de enorme significação, de extraordinaria transcendencia a designação da Havana como séde do Instituto Americano de Direito Internacional.

O Presidente General Machado, com admiravel e clara visão do futuro, reteve nesta culta e hospitaleira terra cubana essa organização maravilhosa que teve a sua origem nas mentes compreensivas e lucidas de Brown Scott e de Alexandre Alvarez, ilustres fundadores do Instituto.

E' inutil confirmar que a Havana se colocou por esse facto em vantajosissima situação em todo o Continente, tanto sob o aspecto moral como intelectual.

De hoje em diante fica a capital cubana consagrada como o centro onde terão sempre de concorrer os elementos representativos da America para discutir os seus grandes problemas internacionais.

E note-se que os altos principios de conciliação e arbitragem que foram aceitos por todas as nações americanas são já uma doutrina que os respectivos povos afirmarão em todas as circunstancias.

O Tratado de Tacna-Arica, que o Peru e o Chile acabam de celebrar, pondo termo ao velho litigio do Pacifico que mantinha afastadas as duas nações irmãs, e, ultimamente, o Protocolo de amizade que acabam de assinar o Paraguay e a Bolivia, são provas evidentes de que não ha discordia americana, por mais grave que seja, que não possa ser susceptivel dum acordo cordial e decoroso. Pode afirmar-se, hoje mais que nunca, que a paz da America foi selada definitivamente.

A Liga das Nações da America é um belo ideal, uma suprema aspiração continental. Estou firmemente convencido de que avançámos muito mais que a velha Europa em questões internacionais, e que estamos dando uma lição muito util e proveitosa ao Velho Continente

No dia em que o Estatuto da União Pan-Americana se consigne que esta é uma Côrte Permanente de Conciliação Internacional, poderá dizer-se que estabelecemos definitivamente a Liga Americana, a imensa e forte confederação que sonhou o genio de Bolivar, o precursor clarividente da Sociedade das Nações. Estamos em condições excepcionais para funda-la, com muitas mais vantagens que a Europa.

A nossa comum origem, o nosso comum berço democratico, coloca-nos em situação excepcional. E, quando medito na transcendencia mundial que tem a creação do nosso Instituto de Direito, mais se acentua a minha simpatia para os seus fundadores, principalmente para o dr. James Brown Scott, exercendo na America o duplo apostolado da paz, da união, da verdadeira fraternidade pan-americana.

Brown Scott é um espirito amplo, forte e generoso, que se fez amar por todos, especialmente pelos latino-americanos».

GABINETE HIDROTERAPICO
Avenida da Liberdade, 12, r/c.
Medicos-Directores { J. Silvestre d'Almeida / José Rocheta
Tratamento das doenças nervosas, do estomago, intestinos e articulares
Duas salas de Duche — Banhos de vapor e carbo-gazosos — Massagens — Electroterapia — Rajos U. Violetas — Diotermia

Dr. Tedeschi Neves
ASMA E BRONQUITES
Novo tratamento de resultados rapidos.
R. da Prata, 166, 2.º — Das 12 ás 16

O QUE VAI LA' POR FORA

Poeira do Mundo

Da França

PARIS, 30

A Camara encerrou as interpelações sôbre a questão Almazian por 334 votos contra 245 tendo sido posta a questão de confiança.

A Camara votou tambem o orçamento do Ministro do Trabalho tendo intervindo o sr. Louchour na parte relativa aos seguros sociais.

O govêrno e a Comissão de Finanças chegaram a acôrdo sôbre o projecto de fomento nacional tendo o sr. Choron declarado á comisão que uma conta especial seria anualmente apresentada para o controle da Camara.

A subcomissão dos estrangeiros relativa á Renania decidiu não enviar sindicantes.

A Comissão dos estrangeiros, da Camara dos Deputados, ouvirá o sr. Briand na quarta-feira sôbre as relações franco alemãs.

A comissão desportiva do Aero Club homologou o «record» do mundo estabelecido por Costes e Bellonte, de 7905 quilometros e 140 metros.

O Senado votou a lei sôbre o comercio de trigo que tinha sido devolvido pela Camara dos Deputados.

O Presidente Doumergue inaugurou o Salon de Outono.

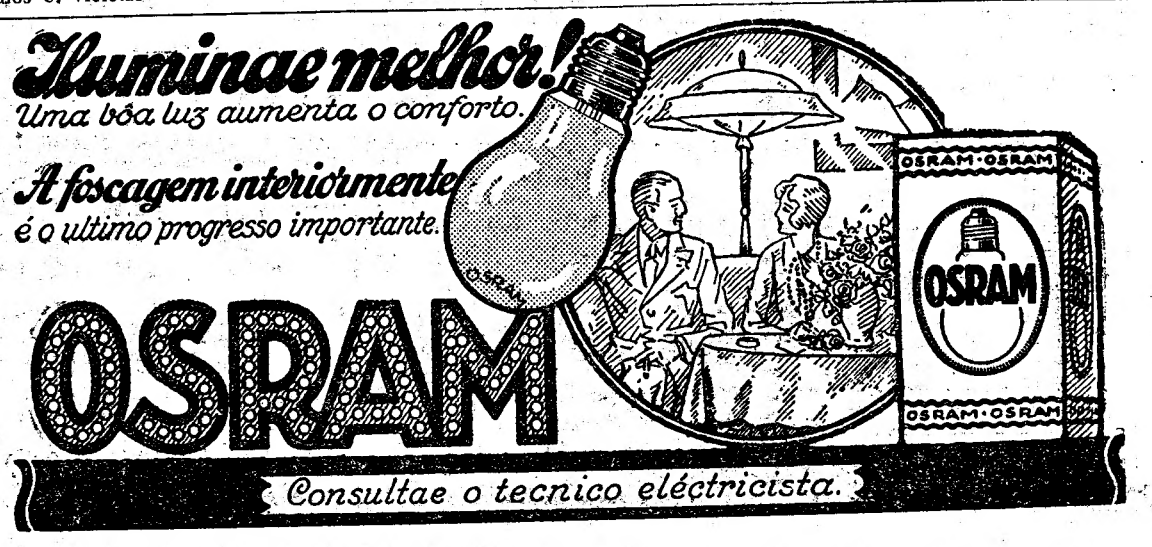
Foi eleito por unanimidade vice-presidente da comissão dos estrangeiros do Senado o sr. Berenger, em substituição do sr. Berard que foi eleito presidente.—(H.)

A politica alemã

BERLIM, 30

O Reichstag, após um discurso de Curtius, e do deputado centrista de Essen, expondo o ponto de vista da coalição governamental, aprovou as declarações de Curtius sôbre a responsabilidade alemã na guerra e convidou o govêrno, atendendo ás vantagens do plano Young sôbre o plano Dawes, a prosseguir na sua politica exterior. Um orador nacionalista falou em seguida a favor do plebiscito, enquanto um orador do partido economico reprovou o plebiscito não obstante ser tambem contra a aceitação do plano Young. Um deputado nacional-socialista retomou a tese nacionalista sob uma forma mais agressiva e, finalmente, o Reichstag, contra os votos dos nacionalistas, socialistas—nacionalistas e camponeses-cristãos-nacionalistas, adiou o projecto de lei nacionalista da comissão.—(H.)

Restaurante Tigre Real
36 A—R. Ferreira Lapa—36 B
(Conde de Redondo)
GABINÊTES
Telefone N 5613
BREVEMENTE
ABERTO TODA A NOITE
Serviço á carta
mêsa redonda
comensais
comida para fóra



ODEON Hoje e sempre o maior sucesso
MONTE CRISTO
de Alexandre Dumas
Um poema pelos bonecos de L. Starevitch
O RELOGIO MAGICO

ULTIMAS NOTICIAS

Navalhas de barba
Tesouras de costura, barbeiro, manucure, etc.
Laminas para barbear
RUGRA
são as melhores

A nossa maior industria

O REGIME

do "drawback" segundo o capitão Mendes Cabeçadas

(Continuação da 4.ª página)

do, para a industria portuguesa, a diferença formidavel do preço das mais caras materias primas que são o azeite e o oleo.

Outras afirmações:

— Mas não é só este o perigo. E' que o facto de regular o assunto, com a fixação, hoje, dum direito que, porventura, seja julgado razoavel, não impede que ámanhã, ele seja alterado, conforme o entendam quaisquer entidades, pois ficariamos afinal sob a acção das pautas, tão frequentemente variaveis. E nada impediria tambem que a Bolsa Agricola continuasse a acção, tão perturbadora, das restrições para a entrada de oleos e azeites de que a industria carece.

* * *

Um aspecto dos mais interessantes e dos mais graves do problema:

— E' indispensavel que os governantes não nos ponham em condições de inferioridade em face da formidavel concorrencia do estrangeiro que cresce dia a dia, principalmente na Noruega, na America do Norte, no Canadá, e até, recentemente, na Russia. Na Noruega trabalha-se o arenque pequeno e o *sprat* que vendem com a designação de sardinha, tendo-nos chegado a fazer retirar quasi por completo do mercado do Brasil, para onde essa mercadoria é enviada com a designação *Sardinha em azeite*, apesar da sua fabricação em oleo de soia ou de amendoim. E, ao mesmo tempo que isto acontece, no nosso país não se permite a exportação com igual designação senão quando o oleo empregado é o da azeitona. Resultou daqui a impossibilidade de concorrermos naquele mercado. São rigores e exageros anti-economicos da Alfandega, que quasi se confundem com uma protecção aos nossos concorrentes.

— Na America do Norte...

— Temos hoje a fabricação do *Pilchard* que é vendido sob a designação de *Californian Sardine*. E o Canadá vende o chicharro com a designação de *Sardinhas*.

— Além desses países...

— Temos que olhar para a concorrencia dos espanhois e dos franceses. E tambem é conveniente que os nossos govêrnos saibam que em todos esses países a industria vive com organizações proprias, tendendo para os *carteis*, os *comptoirs*, enfim, as concentrações sob varias formas, como em Espanha, onde se caminha para uma sindicalização obrigatoria dos conserveiros.

— A Russia...

— Foi em tempos grande compradora da nossa conserva. Mas hoje tem já uma industria propria, com organização sindical, bastando-se a si mesma e exportando para a Alemanha e para outros países da Europa. Em tais condições de concorrencia, como podemos prescindir de adquirir as materias primas onde nos dêem melhores condições de preço e de qualidade?

E a concluir:

— Para terminar, visto que poderia estar a falar-lhe um dia inteiro sôbre este problema, peço-lhe que declare o seguinte: Não declarei, na reunião de ante-ontem, que o projecto do «drawback» fôra elaborado, aprovado, ou mesmo discutido pela comissão de conservas, nem que o sr. dr. Nunes Mexia tinha colaborado nos trabalhos da Comissão Oficial. Prestei sim, homenagem, aos srs. drs. Nunes Mexia e Fernandes de Oliveira como representantes da Agricultura que, leal e patrioticamente, nunca se opôs, antes pelo contrario, ao regime do «drawback».

Dr. Alberto de Mendonça
Tendo regressado do estrangeiro
RETOMOU A CLINICA

MEDIDAS ENERGICAS

Os falsificadores de azeite foram hoje recapturados

A proposito do decreto sôbre falsificadores e mixordeiros, que publicamos noutro lugar do nosso jornal, procurámos ouvir a opinião do sr. Intendente Geral da Policia que trabalhou na sua preparação.

Declarou-nos o sr. coronel Mousinho de Albuquerque:

— A opinião publica não via com bons olhos, e alguns jornais chegaram a fazer-se eco dessa estranhesa, que individuos presos pelo delito gravissimo de envenenarem uma população inteira fôssem no dia seguinte restituidos á liberdade sem lhes acontecer dano de maior. Um tal estado de coisas não podia continuar.

«De aí o decreto, do qual já alguem que o conhece disse, com propriedade, que mais vale a um individuo suicidar-se do que caír sob a sua alçada.

«Quando se anunciou que a fiscalização de pão ia ser retirada da Intendencia, o publico não percebeu. Logo em seguida os padeiros incriminados compareceram perante os tribunais, sendo esse, de resto, o caminho que, segundo eles proprios declaravam, mais lhes convinha.

«Veja o caso extraordinario que ainda ha pouco se passou com os que fizeram azeite de baleia e chouriços com carne pôdre, não podendo estes ultimos ser sequer chamados ao tribunal, porque para isso não havia lei.

— Qual vai ser agora o procedimento? — interrogámos.

— Procuraremos, com o decreto, que seja rápido e eficaz. Em casos desta natureza não se pode estar com delongas. Estou disposto a tudo sacrificar para que se faça obra proveitosa. Mas, para isso, preciso de contar com duas entidades: a imprensa e o publico.

«Quanto á imprensa, compreende-se que, sem o seu auxilio, a população não poderá ser devidamente informada do que se vai passando e do nosso procedimento. Tenciono, por isso, convocar, o mais brevemente que me fôr possivel, para o meu gabinete, uma reunião dos directores dos jornais diarios, a fim de lhes expôr o meu pensamento e ouvir as suas opiniões. Quanto ao publico, dirijo-lhe apenas um apêlo: que me dê conhecimento de todas as manobras de falsificação, a fim de eu os poder punir exemplarmente.

E a terminar a pequena conversa que connosco teve, o sr. Intendente da Policia informou-nos:

— Pode dizer no seu jornal que os falsificadores de azeite e carne, que haviam sido já postos em liberdade, fôram recapturados e caírão na alçada do decreto de hoje.

A Exposição de Telegrafia sem fios

No salão de exposições da Sociedade Nacional de Belas Artes, foi hoje inaugurada, com toda a solenidade, a II Exposição de T. S. F.

Cêrca das 15 horas chegou o sr. Presidente da Republica, que se fazia acompanhar pelos seus oficiais ás ordens, srs.: capitão-tenente Pedroso de Lima e tenente Carvalho Nunes, sendo recebido junto ao portão pelos srs. D. Bernardo de Almeida, embaixador de Espanha; dr. Cardoso de Oliveira, embaixador do Brasil; Henrique Mollina, encarregado de negocios de Cuba e Jaime Esteves, Americo Arez e Jacques Morpurgo, da comissão organizadora do interessante «certamen».

Após rapidos cumprimentos, o sr. general Carmona, acompanhado por todas as pessoas que o haviam recebido, deu entrada no salão.

Pouco depois chegaram os srs. engenheiro Antunes Guimarães, ministro do Comercio, e general Castillo, ministro de Cuba.

Iniciou-se então uma demorada visita á exposição, retirando-se o Chefe do Estado com as honras da chegada.

D. Hortensia Santos Vieira

Fez-se hoje a trasladação para a ossuario municipal do Alto de S. João, dos restos mortais de D. Hortencia Aurora da Cunha Santos Vieira esposa que foi do nosso querido colega de imprensa Santos Vieira.

O acto foi revestido duma grande intimidade, tendo assistido a ele apenas algumas pessoas de familia.

English Stores & Bar
Amanhã mais uma fornada do nosso delicioso
BOLO REI
Prove V. Ex.ª esta nossa especialidade
Este estabelecimento fecha ás 0 horas
Rua Bernardino Costa, 42 e 44
(Vulgo R. Corpo Santo)
Telef. T. 1391 Escolhida Frequencia

Uma carta de sir Robert Williams

«Sr. Director:—Sou um assiduo leitor do «Diario de Lisboa» e, incidentalmente, vejo-me obrigado a seguir uma dieta rigorosa para evitar a obesidade.

Li com muito interesse um anuncio ultimamente publicado no seu jornal, em que uma casa de Lisboa oferece ananazes a cinco escudos! Não ignora, por certo, que os medicos americanos aconselham um largo consumo de ananazes como medida preventiva, e mesmo para evitar os efeitos desastrosos da obesidade.

Imagine, portanto, a minha alegria, ao saber que podia adquirir esses deliciosos e benéficos frutos por um preço tão acessivel, aquele que o seu anunciante indicava.

Mas calcule, ao mesmo tempo, a minha desilusão, quando o meu criado voltou hoje da praça justamente indignado, porque o dono da frutaria não o tinha tomado a serio, quando pediu ananazes ao preço de cinco escudos!

—Ananazes para comer, respondeu ele, custam onze escudos; os de cinco escudos são ananazes para o caixote do lixo...

Apreciei muito o bom humor do seu anunciante, e é provavel que ele aprecie tambem o meu, motivo por que não quiz deixar de lhe escrever esta carta, para a qual peço a hospilidade do seu muito lido jornal. de V. etc.
—Robert Williams.

A LUZ

Os estabelecimentos da capital continuam a encerrar as suas portas uma hora mais cedo de que habitualmente, a fim de economisarem a luz.

A Associação Comercial de Lojistas está tratando de elaborar a resposta ao comunicado das Companhias Reunidas que a Imprensa publicou.

Monte Estoril

Por amavel deferencia da Direcção do Club dos Restauradores, *Maxim's*, onde está contratada, exibir-se-ha amanhã, domingo, durante o Chá do Casino Internacional, a bailarina russa *Raspoutine*, filha do celebre monge do mesmo apelido. Haverá baile infantil, durante o qual serão distribuidos brindes ás crianças.

Os Teatros do Estado

A ABERTURA das propostas para a adjudicação do Teatro Nacional

Na Direcção Geral de Belas Artes encerrou-se hoje, ás 15 horas, o prazo da entrega de propostas para a adjudicação do Teatro Nacional, conforme portaria de 12 do corrente publicada no *Diario do Govêrno* de 15.

E ás 15,30 abriu-se o gabinete do sr. dr. Beleza de Andrade para a leitura das referidas propostas.

Iniciou o funcionario sr. Carvalhão Novais a leitura da primeira proposta apenas com a presença do respectivo chefe de repartição e dos jornalistas, mas, pouco depois, chegava o sr. Robles Monteiro, atrazado, apressado e custodiado pelo dr. Jorge de Faria; e, imediatamente, varias figuras familiares do meio teatral: os srs. Vitor Lopes, José de Melo, etc.

A primeira proposta lida é da sr.ª D. Amelia Rey Colaço e do sr. F. Manuel Robles Monteiro, que oferecem ao Estado 10 0/0 da receita bruta do teatro e, entre outras coisas, prometem um espectaculo popular mensal e um anual cujo produto reverterá para a Assistencia Publica.

Segue-se a leitura de varios documentos comprovativos da idoneidade artistica dos proponentes, como seja uma carta do sr. dr. Lafayette de Carvalho e uma portaria de louvor firmada pelo sr. dr. João Camoesas.

O repertorio que os proponentes anunciam consta dos originais: «A Boneca e os Fantoches», do sr. dr. Ramada Curto; «A Revolução», de Henrique Galvão; «Pégada na Areia», de Alvaro Leal e Lourenço Rodrigues; «Judite», três actos em verso do sr. dr. Vieira de Almeida; uma peça em três actos, ainda sem titulo, de Virginia Vitorino; «A Farsa do Amor», de Ramada Curto; «A Grande Aliada», três actos de Antonio Ribeiro e Chianca de Garcia; «Homem-Deus», de João Romé; outro original do sr. dr. Ramada Curto; «Viva da Costa», do dr. Vasco de Mendonça Alves; e ainda originais de Bento Mantua, Francisco Lage, etc.

Entre as peças estrangeiras figurará: «Aimer», de Geraldy, tradução de Maria de Carvalho; «Fera Amansada», de Shakespeare; «Hedda Gabler», de Ibsen; «Santa Joana», de Shaw; «La Vena de Oro»; «L'Enfant de l'Amour»; uma peça de Jacinto Gran, etc.

O elenco é aproximadamente o mesmo com que os proponentes vêm trabalhando, acrescido dos nomes de Carlos de Oliveira e de Leopoldo Froes, este em representações. São fiadores os srs. Vasco Bensaude e Manuel Tavares da Silva Junior.

Terminada a leitura desta proposta surgiu a surpreza duma outra, assinada pelo sr. José Loureiro que, para a hipotese de não haver concorrentes, ofereceu explorar o teatro com elenco e repertorio sujeito a aprovação e pagando uma renda fixa anual de cento e vinte mil escudos, tomando conta do teatro trinta dias depois de lhe ser notificado que este pode funcionar, com obras feitas pelo Estado, ou tal como está.

Lavrado o auto respectivo, que foi assinado por todos os presentes, resta reunir o juri nomeado pelo Govêrno e que decidirá, no prazo de vinte e quatro horas, os destinos do nosso Teatro Nacional.

Sortes grandes?
só o PINA as vende
75 — Rua de S. Paulo — 77